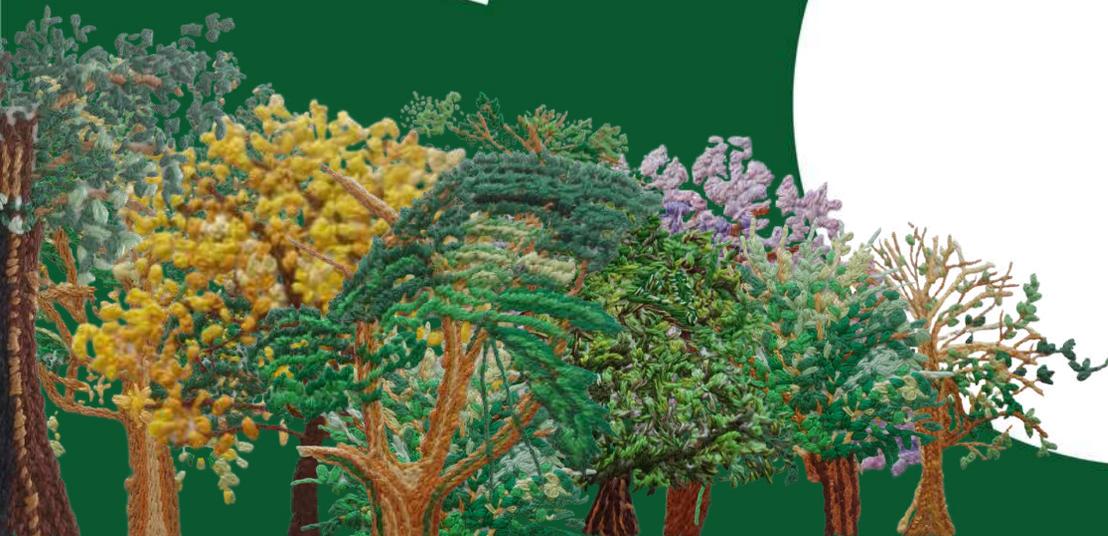


Experiências de arvorecer





experiências de arvorecer

Campinas, 2021

Este livro é uma ação realizada com recursos da Lei Federal no. 14.017, de 29 de junho de 2020 - Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc. É uma produção do Coletivo Arvorecer, do Projeto Arvorecer de Casa em Casa, do grupo de pesquisa multiTÃO (CNPq), do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Revista ClimaCom.

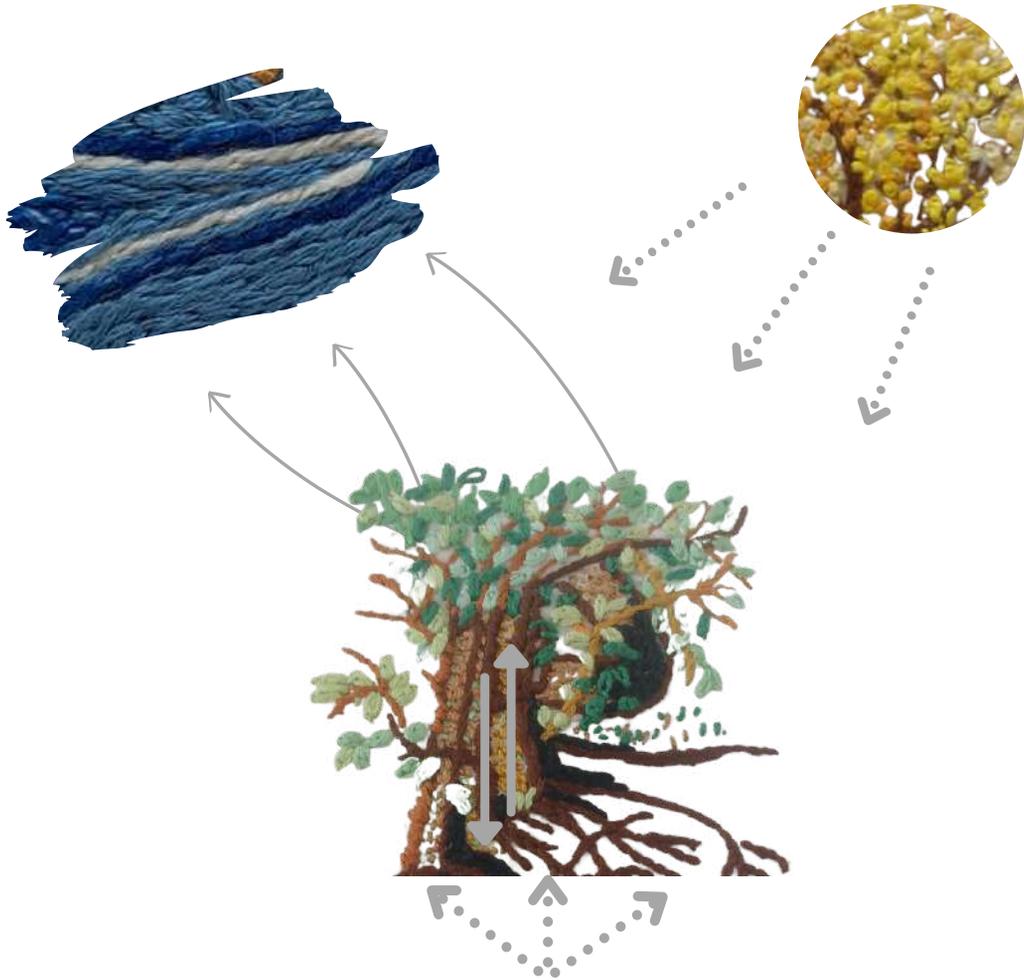


Prefeitura Municipal de Campinas
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA



Esta ação foi realizada com recursos da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020 - Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc.

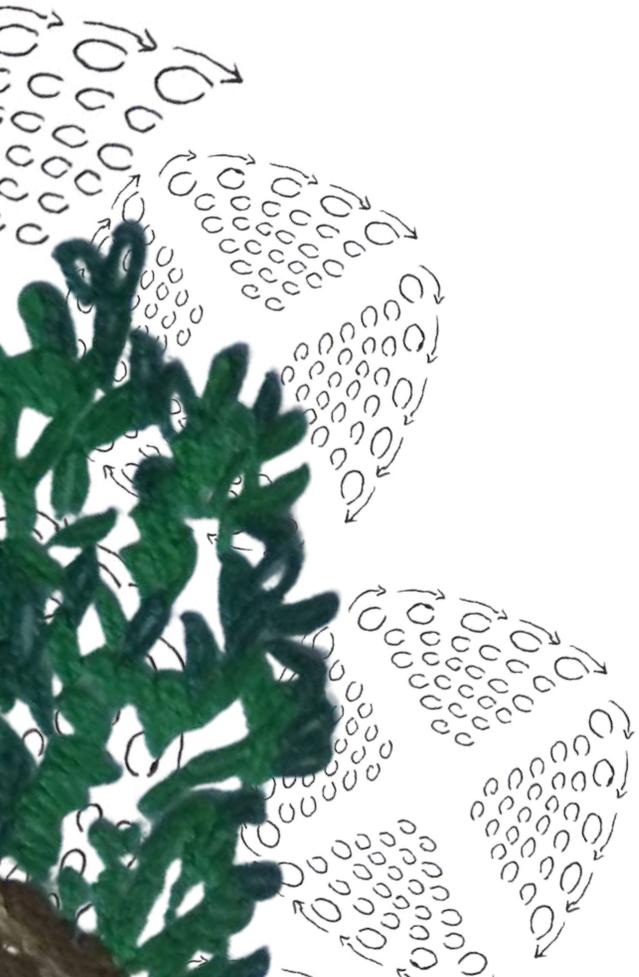


organização

Susana Dias e Mariana Vilela

autores

comunidade da Aldeia Awa Porungawa Dju (Pajé Guaíra Awa Dxitsapeá Guaíra, Cacique Arildo Awa Guyra Ruitxa, Professor Dhevan Kawin, Kunha Djatsy Tátá Mulher estrela), Alik Wunder, Ana Piu, Caio Costa, Cibele Mateus, Cristina Suzuki, Isilda Oliveira, Lucas Gobatti, Marcus Vinicius de Souza Ferreira, Mariana Vilela, Sara Melo, Susana Dias, Tatiana Oliveira e Victor Iwakami.



Pedimos licença para entrar na floresta

exercício de com-posição - meditação guiada

Se você já tiver alguma experiência com meditação e se sentir confortável, pode sentar no chão com as pernas cruzadas. Caso essa posição gere algum tipo de desconforto ou tensão, permaneça sentada ou sentado na cadeira, com a coluna ereta e os pés bem apoiados no chão. O importante é escolher a posição em que você sinta mais conforto e relaxamento.

As mãos podem repousar suavemente sobre as pernas... agora feche os olhos e sinta como é para o seu corpo estar nessa posição... vá, lentamente, se acomodando nela... recolha o umbigo, fazendo com que ele vá em direção às costas...

Sinta o assento do chão, o seu quadril bem apoiado, perceba essa sustentação da terra... a partir dela, relaxe a parte de cima do corpo... os ombros, o maxilar, a boca... solte qualquer tensão...



Suavemente deixe que o pescoço caia para frente e o queixo fique mais próximo do peito. Comece lentamente a girar a cabeça para o lado esquerdo. Você pode iniciar com um giro bem curto e expandir aos poucos... faça algumas vezes esse movimento e quando retornar ao meio comece a girar a cabeça no sentido contrário, para o lado direito, iniciando com um giro bem curto e expandindo aos poucos... repita esse movimento algumas vezes... na próxima vez que estiver no meio, levante a cabeça devagar, retornando à posição inicial...

Agora sinta o ar entrando e saindo pelas suas narinas... acompanhe o movimento da respiração sem tentar controlá-lo, só perceba a entrada e a saída do ar... se os pensamentos surgirem, não negue, acolha o que vier e deixe que eles deslizem da raiz dos seus cabelos até as pontas... descendo pelo seu tronco, pernas e pés... imagine que o seu corpo é esse filtro...

Tatiana Oliveira

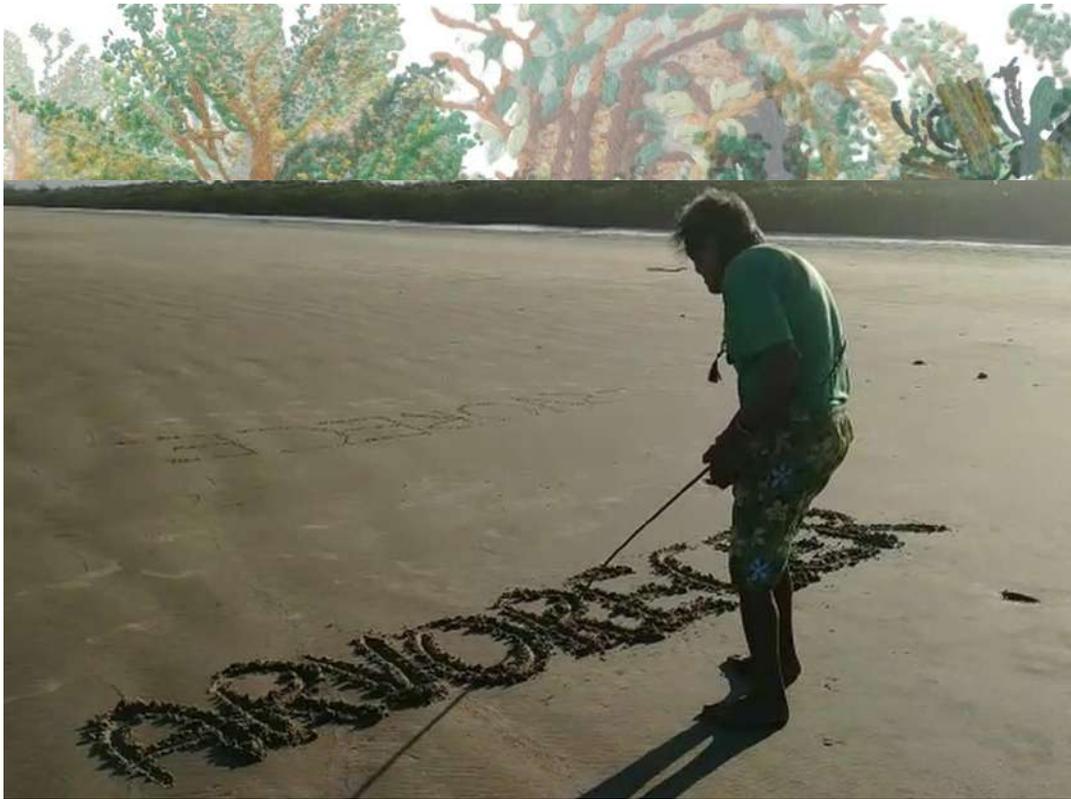






plantas
companheiras

Arvorecer é conhecer e estabelecer relações com as artes, ciências e filosofias dos povos originários, aprender com lógicas e modos de existir de povos que se fazem entrelaçados com as florestas...



Muitas pessoas estão destruindo a floresta, mas as raízes, as folhas, as árvores são feitas por Nhanderu - Deus para nossa aldeia tupi-guarani - e o homem não tem o direito de destruir a natureza. É das plantas e das árvores que vivemos. Aqui nós respiramos um ar puro. Um ar que traz a saúde através das árvores, um ar que traz a força para nós.

Pajé Guáira





Nós viemos para cá para compartilhar nossos conhecimentos, nossa cultura, para mostrar nossas vivências.

Pajé Guaíra





A aldeia Awa Porungawa Dju está em uma área de restinga entre Peruíbe e Itanhaém (SP) e o objetivo da comunidade é proteger essa área, que apresenta uma restinga baixa e uma restinga alta em uma área com mais de 97% da mata preservada

Cacique Arildo



A vida da comunidade da aldeia Awa Porungawa Dju é vivida ao longo de trilhas intimamente conectadas com plantas e animais, com as águas e seres espirituais...







Syzygium cumini

O **Jambolão**, árvore sagrada da aldeia Awa Porungawa Dju, é a árvore mais importante para a etnia, traz prosperidade e amor para todos que a tocam, por isso é importante na parte espiritual. Em termos medicinais, a aldeia usa a casca como cicatrizante de cortes, ferimentos e escoriações.



Bromelia antiacantha

O **Caraguatá** é um poderoso antiinflamatório para as infecções do peito e para asma, bronquite e sinusite. A aldeia Porungawa usa a fruta misturada com mel.





Varronia curassavica

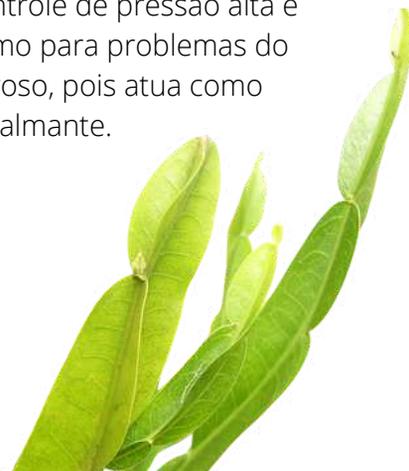
A **Baleeira** é uma planta que tem cheiro de tempero, também pode ser usada para cozinhar, mas também tem propriedades antibióticas. É usada na aldeia Porungawa para qualquer tipo de infecção, desde bexiga, rim, pulmão.

Também a usam para lavagem intestinal e em banhos de bacia em casos de hemorragias menstruais.



Baccharis crispa

A **Carqueja** é um diurético importante, é usada na aldeia Porungawa para queima de gordura, controle de pressão alta e baixa, bem como para problemas do sistema nervoso, pois atua como calmante.





Dalbergia ecastophyllum

O **Jundú** ocorre bastante na área baixa de restinga da aldeia Awa Porungawa Dju e é uma planta que protege a terra do mar, por isso também traz proteção na parte espiritual.



Costus spicatus

A **Cana do brejo** é usada para alergia, para matar a sede, para infecção na urina e rins. A comunidade da aldeia Porungawa costuma fazer garrafadas com ela.



Monstera adansonii

O **Cipó Imbé** é um importante cicatrizante. Na aldeia Porungawa a comunidade faz garrafada junto com a casca do Jambolão. Também é usada para controlar a diabetes.



Calophyllum brasiliense

O **Guanandi** é uma árvore que fornece a madeira para as construções e artesanato na aldeia Porungawa. Desde as ocas, aos arcos e flechas, todos são feitos usando a madeira dessa árvore.



A trilha interpretativa da aldeia Awa Porungawa Dju convida a pensar em nossas plantas companheiras; somos chamados a escutar nossa parte vegetal, a dar atenção à presença das plantas em nossas trajetórias, aos modos de narrar e expressar que elas convocam...







Androanthus pulcherrimus

Ipê amarelo

Parecia seco, mas floresceu
de flor amarela, de cor amarelo

O vento soprou
forrando o chão

Trazendo alegria
pra moça que passou



Handroanthus sp.

Samambaia

Debaixo da Samambaia

Eu samambaiei

Debaixo da Samambaia

Eu samba, sambei

Debaixo da Samambaia

Eu sambambambei

Debaixo da Samambaia

Eu caboclo balancei

Samambaia, Samambaia

Eu samambaiei

Samambaia, Samambaia

Eu caboclo balancei.



Salvia rosmarinus

Alecrim

Alecrim
 Alê, alê, alê
 Alê, alê, gria
 Alê, alê, alê
 Alecrim
 Alegria



Musa sp.

Bananeira

Meu matulão
 É de palha de Bananeira
 amarrado na cintura
 Nele carrego tudo o que tenho
 e caminho pelo mundo
 É tudo o que eu tenho
 “Se queimar,
 não dá uma colher de cinza”



Ocimum basilicum

Manjeriçã

Manjeriçã, Manjeriçã
 Manjeriçã perfumado
 Manjeriçã, Manjeriçã
 Queridinho de todos encantados
 Manjeriçã pra proteger
 Manjeriçã pra comer
 Manjeriçã pra lavar
 Manjeriçã pra levantar
 Manjeriçã pra Exu
 Manjeriçã pra Ogum



Manjeriçã pra Nanã
 Manjeriçã pra lansã
 Manjeriçã pra Oxum
 Manjeriçã pra lemanjá
 Manjeriçã pra Ibejis
 Manjeriçã pra todos Orixás









Castanea sativa

A **Castanheira** é uma árvore da minha infância, das memórias que remontam aos meus avós, agricultores, que encontravam na terra o sustento para a sua família. São dessa época, ainda garotinha, as longas caminhadas pelos campos para apanhar castanhas. A graça era que a castanheira, com a sua imensa

copa e muito folhosa, formava um espaço enorme de sombra, muito aprazível para todas, eu, algumas das minhas irmãs e a nossa mãe. Coletar as castanhas, que se espalhavam pelo chão, era um divertimento, um momento de folguedo e correria, e tinha sabor de um piquenique especial. A castanha, fruto da castanheira, fica guardada em uma espécie de casulo espinhoso conhecido por ouriço. Muito apreciada na nossa família, o seu consumo nas noites de outono representava o conagraçamento de todos à volta da lareira, sendo que as etapas iam desde lavar as castanhas, fazer um pequeno corte em cada uma para evitar que a casca explodisse na hora do preparo e, por fim, cozer em água e sal ou assar no braseiro.



Adiantum sp.

A **Avenca** é uma planta ornamental, que pode crescer em árvores, mas é muito usada em interiores. É muito delicada e as folhas são compostas por várias mini folhas e o caule é bem preto e fininho. Não gosta de vento. Esta planta eu associo à minha adolescência e à minha mãe que cultivava esta plantinha, sempre tão mimosa.



Ocimum sp.

A **Renda Portuguesa** é um tipo de Samambaia cujas folhas possuem uma textura única e têm detalhes que lembram rendas. É uma planta de uma beleza rara. A minha Renda Portuguesa me acompanha por vinte anos. Viveu muito tempo em um xaxim, onde encontrava caminhos diversos para expandir seus rizomas em todas as direções, e brotar sempre revigorada.



Saintpaulia sp.

Violetas Africanas são deslumbrantes na floração. As primeiras que tive foram de uma época em que assumi grandes responsabilidades no trabalho. Tê-las em casa, em profusão, gerava um ambiente fresco e cheio de vida, contribuía para um certo deleite e abstração das preocupações externas, um verdadeiro bálsamo para a alma.



Cymbopogon citratus

O **Chá-do-Príncipe**, como é conhecido em Angola, me acompanha desde a adolescência. Minha mãe o usava como substituto do chá preto. Era servido com bolos caseiros e muito apreciado por todos, pelo seu perfume, sabor e por ser relaxante. No Brasil é conhecido por Capim Santo ou Capim Cidreira. Voltei a consumir esse chá com a minha amiga Edna, que o cultiva em seu quintal.









Banisteriopsis caapi

Cipó

num sopro os meninos subiram o Cipó
e viraram estrelas
do cipó se fez um pó
quando recordamos quem somos
pó de estrelas banham-nos na noite
quase escura através do majestoso
cipó, raios de sol atravessam
suavemente o nosso lar
dando-nos coragem de recordar, claro!





Hibiscus sabdariffa

Hibisco

vermelho paixão numa xícara em noites
de aconchego.



Calycophyllum spruceanum

Mulateiro

num passo firme veio contar os segredos
da floresta, mas só uma parte porque a
floresta é imensa
estende-se para lá do sistema solar
Mulateiro vem nos recordar a geometria
cósmica contida em tudo para lá do lá da
lá do sistema solar.



Dipteryx odoratai

Cumaru

e o terceiro olho abriu-se num sopro a
consciência se expandiu impossível
voltar a atrás.



Chamomilla recutita

Camomila

flores amarelas em água quente amaciam
de mansinho









Porophyllum ruderale

Arnica do mato

Diz-nos que há cura para toda dor e que a cura está em toda parte. Suas inflorescências nos lembram que as sementes são irmãs das estrelas. Esta planta atravessa a história de várias gerações de minha família. Meu avô Elisiário, que chamamos carinhosamente de Vô Paizinho, foi um agricultor e grande

sabedor das ervas medicinais. De origem indígena, provavelmente Guarani, ele tinha muita intimidade com as plantas, seus tempos, seus usos.

Sempre tínhamos em casa sua garrafada de arnica, feita com cachaça e folhas e caules da planta. Até hoje é cultivada e usada nos nossos jardins, usada em nossa família para passar no caso de contusões ou dores musculares.





Manihot esculenta

Mandioca

Ensina a abundância, a resistência e a multiplicidade. Resiste aos terrenos e climas mais adversos. Mantém-se firme por cima da terra e por baixo dela crescendo vagarosamente. De uma planta saem mais de 20 ramas que rebrotam com qualquer chuvinha. Descobri a força generosa da mandioca plantando, colhendo e observando seu crescimento.



Plectranthus barbatus

Boldo do Chile ou Tapetinho de Oxalá

Convida a florir e dançar nos dias difíceis, a saborear o amargo e rebrotar em toda parte. É a planta mais resistente do jardim. No inverno frio e seco, suas folhas se mantêm verdes e menos viçosas. Nos dias mais secos do inverno, forra o jardim com flores, pequenas dançarinas de cor roxa e lilás. Uma boa planta para iniciar canteiros e combater os capins.





Zea mais

Milho

Convida a nos descabelarmos alegremente, a seguir verticalmente o sol e proteger o grão - e tudo que é germinal - com muitos véus. Há 15 anos tenho cuidado de sementes criolas do milho. Aprendi que o melhor modo de guardar grãos é na terra, plantando, multiplicando, trocando para aumentar a variabilidade das sementes.



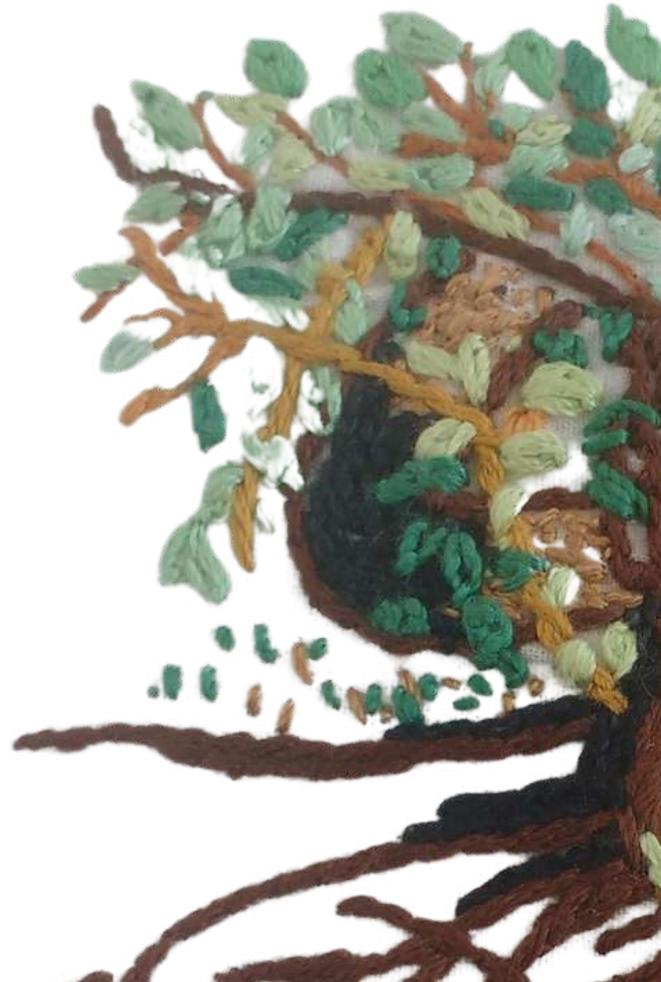
Ceiba speciosa

Paineira Rosa ou Paineira Barriguda

Grávida colhi suas plumas e fiz um travesseiro para meu filho, joguei as sementes no quintal e nasceram sete paineiras. Apenas uma cresceu majestosa no meio do jardim, próximo ao muro lateral. Foi cortada pelo dono dessa casa. Depois de 10 anos, em nossa casa atual, nasceu uma Paineira-rosa exatamente na mesma localização do jardim.









Persea americana

Abacate

Semente coração
Fruta macia. Verde delícia
Puleiro de meninada.





Copaifera langsdorffii

Copaíba

Amargo que cura
Como tenho saudade
Amazônia Natal.



Chamomilla recutita

Camomila

Doce a calma
Fulô de campo! Sonho
Singelo perfume





Gossypium sp.

Algodão

No arbusto frágil.
Sentinelas a pipocar. Breve
Nuvens em flor

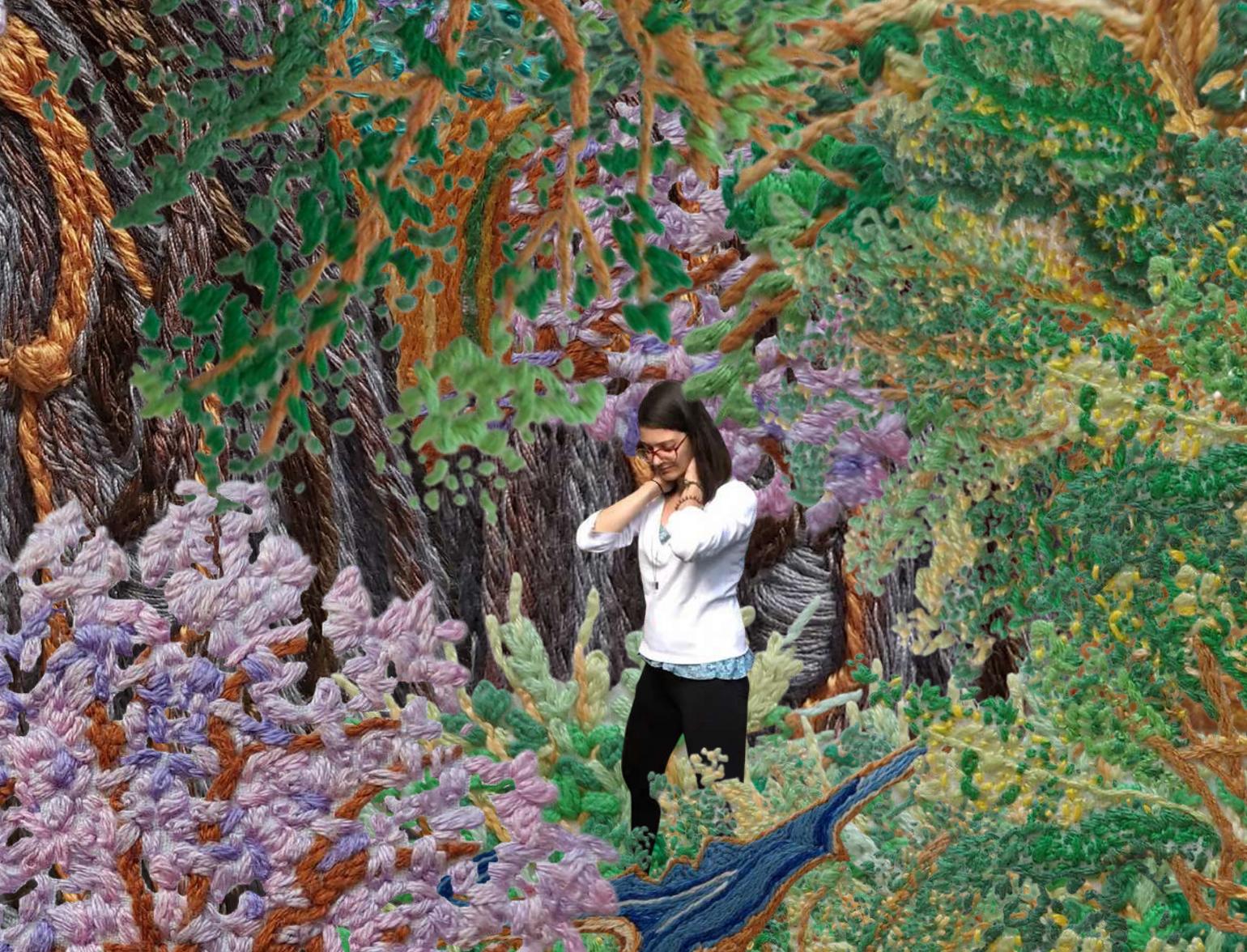


Musa sp.

Bananeira

Coração em pendão
Cacho amarelo ouro
Puro perfume









Trachelospermum sp.

Jasmim-estrela

de um pequeno galho
se multiplicou
de solo em solo
de flor em flor





Coffea arabica

Café

nas ondas da folha
 no vermelho do fruto
 na escuridão do grão
 ah!
 há beleza
 no estar junto



Aloe vera

Babosa

uma estrela
 na terra
 me disse:
 a cura
 é
 abrir-se
 a partir
 do chão





Passiflora edulis

Maracujá

de curva em curva
de enlace em enlace
a caminho da flor
fonte da calma e da intuição



Musa sp.

Bananeira

uma erva-mestra vestida de árvore
gotejou:
acolher
oferecer
transformar
qualquer coisa
é nutriente!





Sara Melo



70



Actinocephalus polyanthus

Sempre-viva

"Ela mora na praia. Ela mora no interior".

Tia Aurorinha

"Ah, os cerrados, essas restingas dos interiores. Ah, a restinga, esses cerrados do litoral".

Professor Falkenberg, D.

"Planta cosmopolita que fala, né?".

Tia Celeste





Opuntia monacantha

Cacto

"O espinho é tão firme que fura até o pensamento de quem passa".

Tio Niquinho



Heliconia sp.

Heliconia

"Por dentro da mata: o bico da ave-planta.
Ela mora dentro do sonho".

Vó Luzia



Ipomoea pes-caprae

Batateira-da-praia

"Quem tatuou essa estrela na pele da planta?"

Menino João



Vellozia variabilis

Candombá

"A resina, o fogo, a renovação. É a fênix do cerrado".

Seu Aurélio











Theobroma grandiflorum

Cupuaçu

Tenho um pé de cupuaçu em casa há 14 anos. Deu frutos nos últimos dois anos, justamente quando escrevi dois textos que procuram pensar a relação entre a floresta e a comunicação. Senti como um presente dos deuses essa coincidência. Neste ano de pandemia, contei para o meu pé de cupuaçu os pesadelos que tive. Acolhi seu silêncio. Aprendi também a observar como suas folhas são belas e resistentes.



Calendula sp.

Calêndula

Aprendi desde que cheguei em Campinas, há 22 anos, que qualquer ferida aberta cura rápido com esta planta. Uso especialmente em pomada. Criei meus filhos, Gabriel e Marina, com essa planta. Por causa dela, tiveram uma infância com menos dores e marcas. Agradeço a essa planta sempre.





Porophyllum ruderale

Arnica do mato

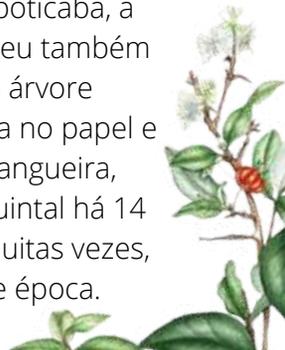
Nasce sozinha no jardim. É uma das plantas que me faz lembrar algo que o meu pai Avelino dizia sobre a terra onde nasci, Angola. Que lá o povo dizia que sempre chegam em nossa porta as plantas que precisamos. Uso arnica, de outra espécie, em pomada para curar qualquer machucado roxo, profundo. Aprendi também a tomar banho de arnica do mato para curar doenças do espírito.



Eugenia uniflora

Pitangueira

Planta arbustiva da família das Mirtáceas. Em um trabalho na faculdade de biologia descobri que essa família reúne plantas que eu amo: desde a pitanga, até a jacobinca, a goiaba e o eucalipto. Sim, eu também amo o eucalipto, essa árvore maravilhosa que segue viva no papel e nos livros. Quanto à pitangueira, também tenho uma no quintal há 14 anos. Somos honrados, muitas vezes, com frutas dela fora de época.



78



Petiveria alliaceae

Guiné

Também nasceu aqui em casa plantada, quem sabe, pelo vento, chuvas ou pássaros. Brotou no canteiro na frente de casa, nas frestas no corredor, em várias partes do jardim do fundo. Gosta de se embaraçar em nossas roupas e seguir junto pelos caminhos. Aprendi com as amigas Alik e Marli a fazer garrafadas com álcool e suas folhas e usar para limpar a casa.

Também aprendi com o babalorixá nigeriano Oba Ojele a usar uma ou duas folhas para fazer banhos. É planta que, para o povo Yourubá, cuida do corpo e do espírito.









Sansevieria sp.

Espada de São Jorge

Não tenho habilidade com plantas, não converso com elas, não lembro de regá-las, nem de podá-las, colocar vitaminas, terras, adubos. Mas acho que São Jorge cuida bem delas, pois tenho um vaso grande há 10 anos, em que elas só se multiplicam e suas folhas nunca secam.



Sansevieria sp.

Lança de São Jorge

Esta planta mágica, tem toda minha admiração e respeito. Tem também 10 anos – ou mais – e apesar da minha incapacidade de cuidar dela, generosamente guarda a entrada da minha casa, ao lado da Espada de São Jorge, sempre com brotos. São meus leões de chácara.



Spathiphyllum sp.

Lírio da Paz

Outra planta que resiste há mais de dez anos na minha casa. Ganhei de presente um vaso grande que deu muitas flores e muitas mudas até que um dia os gatos das redondezas resolveram transformar o vaso em latrina, fazendo as folhas definharem. Tratei de esvaziar todo o vaso para salvar algumas mudas. Hoje elas resistem à base de água em um espaço menor.



Hera sp.

Hera

Objeto de desejo. Sempre que compro um vaso a planta definha em fungos.



84



Camellia sp.

Camélia

Outra árvore do desejo. Porque acho elegante e pelo seu aroma.



Vivemos intimamente conectados às plantas. Elas se distribuem ao longo de nossas histórias, criam um comum que reúne diferentes pessoas, animais, coisas, virtualidades... São seres que habitam os entrecruzamentos entre diferentes modos de viver. Aprendemos com elas a fazer floresta...









linhas

fios

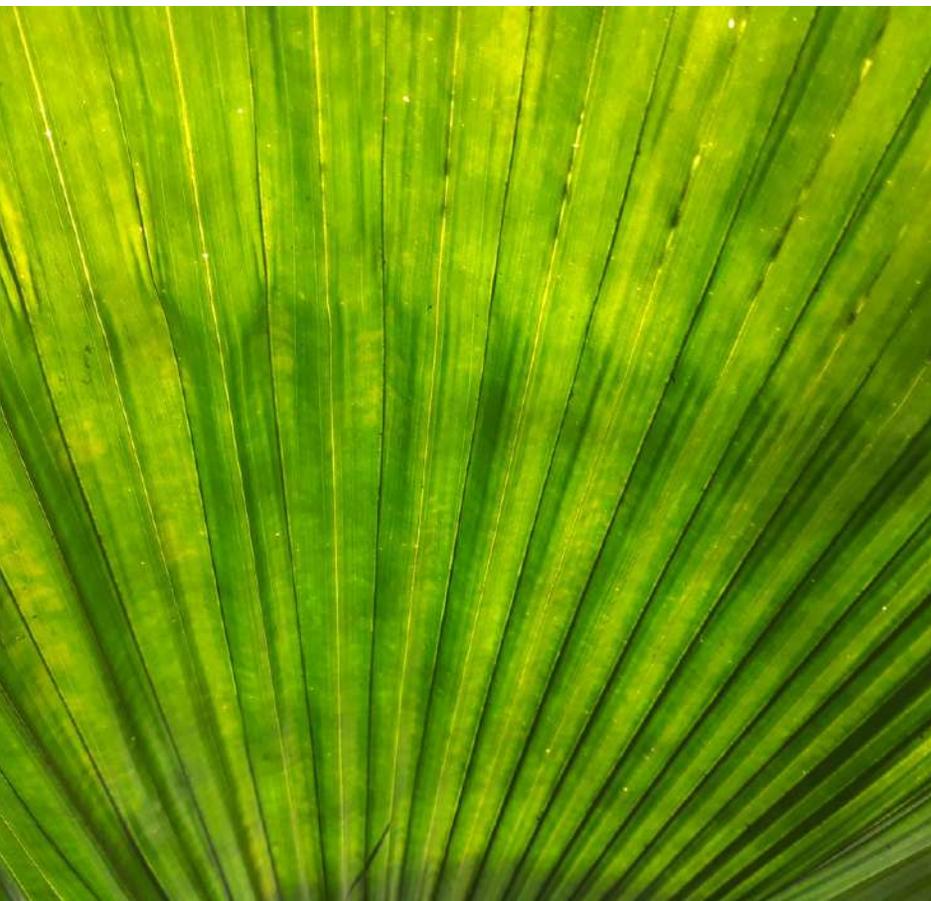
raízes

Plantas não são meros recursos da terra, são
coconspiradores na luta contra sistemas e
pensamentos que insistem em monoculturas e
dicotomias, que separam humanos e não
humanos, céus e terras...























As plantas ensinam a nos conectarmos às nossas raízes, às nossas ancestralidades humanas e não humanas. Assim como as raízes das plantas, nossos cabelos tecem histórias, dizem dos lugares que percorremos, dos alimentos que consumimos, guardam memórias de nossas conexões cósmicas...



























ta como se p... pero sin
bargo, Sangama insistía. Incluso llegó a interpretar el compo
jes blancos en los mismos términos. «Cuando los blancos
es, ven la prensa, la cogen un día entero, y ella habla con ell
ce a diario» (Gow, 1990: 92-3). Como luego explica Gow
nder la idea de Sangama de lo que significa leer si tenemos
ctos particulares de la cultura de los piros. El primero se refie
el dibujo en el control de superficies, el segundo tiene que ve
manicas.

La palabra para escritura en el lenguaje piro es *yona*. Sin
ino que también se usa para los intrincados diseños line
os piros aplican en algunas superficies, sobre todo aquéll
chamente con la gente que entre éstas, las relacionadas c
o. Evidentemente, para el patrón del papel de p
e, en este sentido, un diseño se percibía el papel con
milar a la piel del cuerpo. En los rituales curati
en otras muchas gentes de la Amazonía, el chamán, tras b
a enredadera alucinógena conocida como *ayahuasca*, se ve
brillante diseño en forma de serpiente que parece cubrir
ión. Ése es el comienzo de las terribles manifestaciones d
ladera. Pero cuando los efectos llegan a los labios, éstos se
ones, a través de las que el espíritu se revela con su verdade







sonhos
vegetais

Arvorecer é sonhar outros mundos possíveis, mundos feitos de diferentes gradientes de relações afirmativas entre os viventes. É dar atenção aos sonhos que experimentamos ao dormir, mas também aos que temos sonhado acordados. Sonhar acordado é aprender a escutar os chamados que chegam com responsabilidade e devoção...







**ALDEIA AWA
PORUNGAWA
DJU**



**ALDEIA AWA
PORUNGAWA
DJU**



**ALDEIA AWA
PORUNGAWA
DJU**



**ALDEIA AWA
PORUNGAWA
DJU**



Como formei-me pajé?

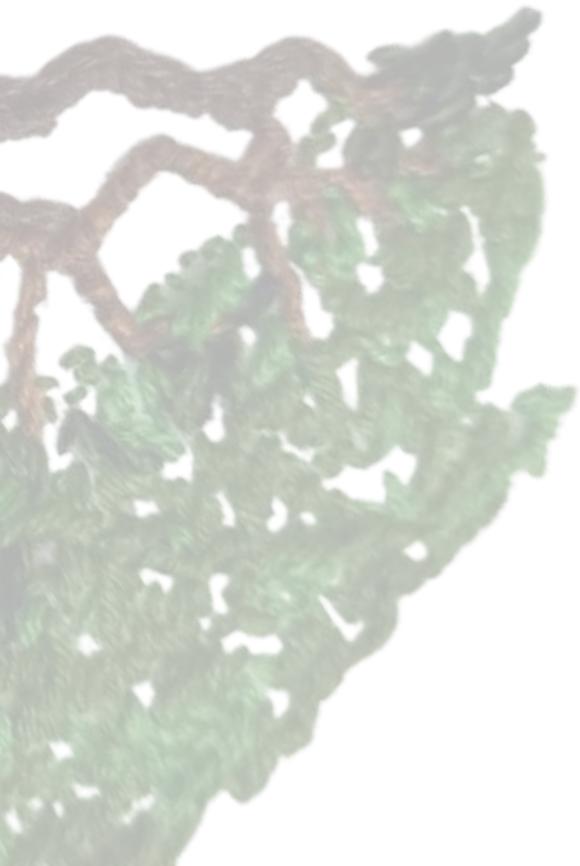
O pajé é algo que vem espiritualmente. Quando criança você já recebe o dom, mas a gente não sabe. No meu caso, eu virei pajé pela doença que tive quando cresci. Eu conheci muitos pajés da minha aldeia, a aldeia do Bananal aqui em Peruíbe. Até pouco tempo eu sonhei com um desses pajés que já faleceu. Esse pajé morreu com 130 anos. Eu conheci ele quando criança e ele me ensinou muitas coisas, mas eu não guardei porque era criança. Aí foram mudando os pajés até que ficou meu tio Samuel. Ele morava perto da minha casa, morava sozinho como eu moro agora. Eu passava na casa dele e nós conversávamos. Ele explicava muita coisa pra mim sobre as nossas crenças. Porque os índios não têm religião, eles têm espiritualidade. Nós acreditamos apenas em Deus e não temos outros deuses. Eu fui aprendendo com ele... Um dia ele faleceu, todo mundo ficou desorientado, todos ficaram sem pajé e então nós começamos a sair pelo mundo. Quando rapaz eu morei em São Paulo, onde aprendi a malvada cachaça. Depois eu voltei para a aldeia e comecei a viver acompanhado de amigos. Falo amigos, mas amigo é aquele que dá conselho pra gente e nos leva para o bem. Mas essas pessoas me levaram para o mal, ensinaram coisas que a gente não podia aprender. Foi quando eu fiquei sozinho, fui desprezado pela família, e peguei uma doença, a tuberculose. Sofri muitos anos com essa doença. Um dia não aguentava mais com a doença e comecei a emagrecer. Não comia mais, espirrava sangue.

Uma doença muito triste surgiu no meu corpo. Foi quando me internaram em Campos de Jordão. Quando saí de lá voltei para a aldeia e comecei a beber de novo. Tive uma recaída e voltou tudo novamente. Foi quando a doença tomou conta do meu corpo. Foi quando conheci Dona Geni, que tinha uma clínica. Fiquei internado lá três vezes. Da última vez fiquei um mês. Nessa época a minha mãe foi lá fazer uma visita para mim, quando faltava um dia para completar um mês que eu estava lá. À noite ela apareceu, eu olhei para ela e nem me lembrava que ela tinha morrido. Fazia vinte e poucos anos que ela tinha falecido. Ela foi lá me visitar. Eu perguntei o que ela tinha ido fazer lá. "Vim ver você, porque você está muito doente e ninguém está ligando mais para você. Então vim te visitar e trazer um recado para você". "Que recado?", perguntei. "De hoje em diante você vai ser o pajé", ela disse. Eu falei para ela: "como que eu vou ser pajé se não tem mais ninguém para me orientar e ensinar?". Ela disse: "não precisa porque você já está com o sinal". Então perguntei: "lá no Sol apareceu um sinal muito bonito... o quê significa?". Ela disse: "que nós todos estamos lá". Todos os que já morreram estavam em volta e eu com ela no meio. Ela disse: "você também vai pra lá, mas não chegou seu dia ainda de ir para lá. Você vai ainda cuidar do nosso povo, até quando nosso povo quiser. "Tá bom mãe". "Vou me despedir, você vai ficar com Nhaunderu [que é o nosso Deus] e nós vamos embora". Vou deixar um cântico sagrado para você, que vai ficar com você a vida toda. Aí ela foi na frente cantando:

131 eeeee é ei
eeeeé é ei
é eeee
é eeee
é eeee
aeeee
éeeee
aeeee

E foi embora, cantando, caminhando, no caminho voltado para o Sol. Olhei assim... as lágrimas vieram. Comecei a chorar. Daí acordei e fui falar com Dona Geni e disse a ela que eu tinha que ir embora. Ela concordou e disse apenas que não me aceitaria de volta. "Não tem problema, Deus vai tomar conta de mim agora". Esse cântico me acompanha até hoje. Estou aqui há muitos anos como pajé, estou forte e com saúde. E aqui na aldeia Porungawa Deus tem curado muitas pessoas com enfermidades difíceis de curar. Aqui têm alcançado a cura divina. Muito obrigada a todos. Aweté!

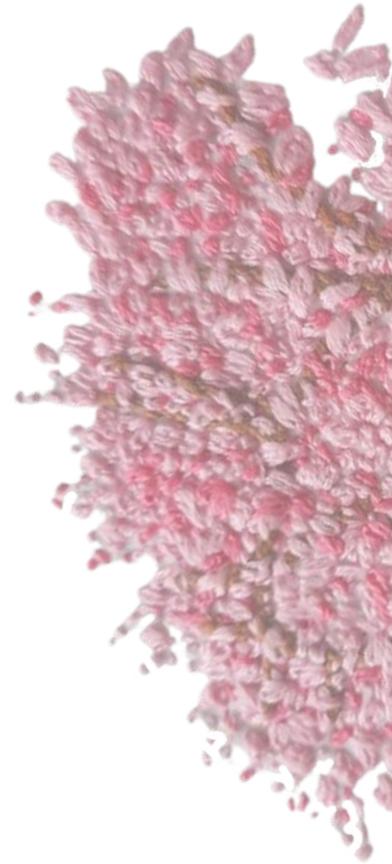
Pajé Guáira





pés descalços
areia fria
rochedo alto
mar azul

mergulho
corpo-água
água-corpo
sou mar



trilha aberta
ponte estreita
rio pequeno
passagem
mata

clareia na mata
jardim, casa antiga, abandonada
ao lado da porta
um hibisco de flores brancas reluzentes
desenhadas com listas roxas as flores se movem,
abrem e fecham, dançam
grandes abelhas de asas arredondadas voam
é noite, as flores e as abelhas brilham.

Alik Wunder

Antes o mundo não existia
não havia ainda a luz

Yehé Buró Avó do mundo

ela apareceu sustentando-se

Crianças alcançam os galhos mais altos da copa do cajueiro. É imenso, sinto desde dentro da árvore. Só o vejo de perto. É cheio de risadas e histórias, além de inúmeros cajuí suculentos de carne vermelha. É baixo, vive perto da terra. Gosta de crianças e me visita em memórias perfumadas.



Uma árvore grande. Vive em meio a plantas gramíneas. Do centro de sua copa nascem dois galhos gêmeos. Só a vejo de longe, de frente. Aparece duas vezes.

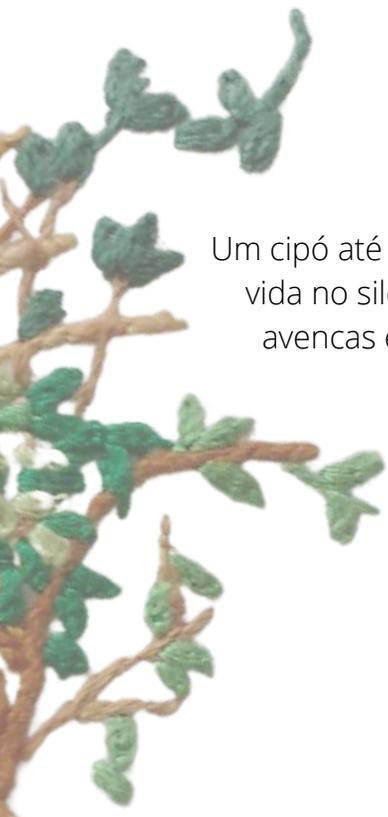
Uma no sonho, outra durante a viagem a Pocinhos do Rio Verde. É mágica, conversa com as montanhas ao fundo. Traz sabedoria do mundo gêmeo. Paro o carro, fotografo.

Uma mulher árvore emerge subitamente. Seu corpo flutua de braços abertos na copa de verde intenso. Como imagens sobrepostas, a árvore e a mulher coexistem, se cocriam em silêncio.

Susana Dias



Nas traseiras de casa há um campo há uma casinha de flores. Florzinhas como boquinhos de coelho cor de rosa. Miminhos, como a minha mãe e eu chamávamos. Numa das mãos um ramo de lírios roxos do campo, que postos na jarra exalam a suor. Eu sonhava de olhos abertos viver naquela casinha de trepadeiras floridas com teto e tudo!



Um cipó até o céu lembrando-nos quem somos e de onde viemos. O sopro da vida no silêncio da consciência. Subo as escadas da casa de infância onde avencas estão em vários vasos. Plantas domesticadas colorindo de vida empedrado.

Casinha na árvore era um sonho. Enquanto caminho pelos campos, que gradualmente vão-se encolhendo com as construções que nascem como cogumelos, colho umas tantas azedas, flores amarelas campestres. Chupo o caule como muitas e tantas crianças. Anos mais tarde encontro essas flores na descida do Atlas, passado o cume nevado rumo ao deserto. Em Marrocos revisito a minha infância comendo as flores com a minha filha de cinco anos, enquanto esta sente saudades da irmã.

Ana Piu



garganta do menino
desce uma semente
assenta no estômago
redondo, macio, vermelho
dentro do estômago, o fora da semente
a semente brota
folhas e caules crescem
estômago cheio de folhas
garganta cheia de folhas
boca cheia de folhas
menino-brotando

Tatiana Oliveira



A visão se aperta no aconchego roxo da terra molhada. Quente me lembra sua voz de fubá. Palavras amareladas e laranjas tocam o céu, dançam com a noite. Emaranhados verdes vão e virão, ao toque. Toque fresco como água, e todas se apagarão. Resta um outro dia para sentir o cheiro da chuva verde e do verão.

No caminho, seu toque crespo. Seu embaralhar de idas e vindas, idéias e fantasias, contos e alegrias no meu ser. Cada soluço, uma acerola. Cada risada, uma jabuticaba. A longa estrada, a terra suspira. Longa caminhada, mas curta pareceu. Não lembro o cheiro, era azul. Seria verde e laranja.

A escuridão balança, cai a noite como alegria. Não vejo, ouço. Cada estrela, uma cantoria. O colchão irregular e pontudo, macio. Cada deitar era uma nova história, custava conhecer o fim.

Caio Costa





Um bananal imenso.
Terra úmida.
Pouca luz.
Caminho, me ajoelho e saúdo a terra.

Ouço meus pareias Mateus e Bastião me chamando.

É Seu Martelo e Seu Zé Mário.

- Pareia!

Eles vão surgindo das raízes de duas bananeiras.

Seus chapéus brilham com a pouca luz do sol que entra pelas bananeiras.

Começam a dançar e bater jupira na perna.



Mateus e Bastião vêm dançando em minha direção, quando chegam bem perto começam a fazer caretas. O bananal vai se iluminando, as bananeiras vão desaparecendo e o espaço vira um terreiro de brincadeira.

Um montoeiro de gente batendo trupé.
Vejo os pés soltando puera na ar. Riba, pareia!

Cibele Mateus



Durante um daqueles sonhos que transitam entre mundos, me apoiei em uma árvore (anônima até hoje) de tronco grosso, maior que a circunferência do meu abraço. Seus galhos se alongavam em direção ao céu de forma não linear, retorcidos, mas com pouquíssimas ramificações. Sua copa frondosa e umbeliforme sombreava tudo que eu podia enxergar.



Permitindo-me me conectar a ela, adormeci.
No sono ela compartilhou suas sensações.

Senti o presente e o passado. O vento frio que passava em sua copa, o calor que o sol lhe proporcionava, a profundidade e umidade da terra. Também pude ver grandes seres passeando por ela: preguiças-gigantes, onças, tatus, tigre-dente-de-sabres e condores-enormes. Vi árvores caindo, morrendo e nascendo. Senti o tempo dela. Milhões de anos em minutos.

Victor Iwakami



Eu estava com uma pessoa em um lugar onde havia uma festa, com cômodos pequenos e muitas escadas. O que me recordo é que estávamos eu, um homem e mais uma mulher conversando e num dado momento ele me chama de Ma... e interrompe a fala. Eu digo a ele, você ia me chamar de Márcia? Aí a mulher pergunta quem é Márcia e eu digo que é a namorada dele.



Estamos eu e o mesmo homem andando pelo lugar como se fôssemos embora e ele diz que vai ao banheiro. Os banheiros ficam ao lado de um espaço com sofás e cadeiras. Eu fico lá esperando ele, sentada num dos sofás e o lugar é movimentado. Lembro de pensar que ele estava demorando muito pra sair. Depois que ele sai nós começamos a descer uma escada e cruzar com várias pessoas que estão no espaço, ninguém familiar.



Lembro que ele sempre está atrás de mim e diversas vezes me abraça por trás, entre um andar e outro, paramos pra olhar o pessoal num espaço maior que é visível das escadas, ele me abraça por trás novamente e nós rimos e não lembro do que falamos, depois continuamos descendo as escadas. O prédio me diz que é um esqueleto, só paredes externas e vigas.

Cristina Suzuki



The garden

The City had been

Vista aérea da densa floresta, gradientes de cores e alturas.
Aos poucos o plano desce para uma clareira.

Vista frontal da ponte pencil (visão em primeira pessoa). Caminho por cima da ponte. Sinto um cheiro doce mesclado com o amadeirado. A atmosfera reluz uma luz esverdeada e dourada. Sigo no caminho da ponte sentindo o abraço da floresta.



Uma criança sobe num cajueiro. Os frutos ainda verdes e pequenos pendem abundantemente. Há uma corda fina que liga um cajueiro ao outro.

Close na menina pendurada com pernas e mãos na fina corda.

A menina acorda em sua cama. É noite. Seu pai a chama. Dói o dedo.
Não lembra do dia.

Mariana Vilela

Escrever, fotografar, bordar, desenhar como quem entra em conexão com a floresta e acessa mundos visíveis e invisíveis. Notamos que cada espécie é um emaranhado de relações multiespécies. Acessamos uma geometria cósmica amplamente conhecida pelos povos originários e presente em suas pinturas, intimamente conectadas com as plantas...



1



2



3



4



5



6



7



8

1. Amoreira 2. Sequóia 3. Jacarandá 4. Jatobá. 5. Sobreiro 6. Ipê Amarelo
7. Buriti 8. Castanheira portuguesa



9



10



11



12



13



14



15



16

9.Sibipiruna 10.Mangue preto 11.Cedro do Líbano 12.Embaúba 13.Sobreiro
14.Cerejeira 15.Chapéu-de-sol ou Amendoeira 16.Baobá











A nossa pintura, na aldeia Awa Porungawa Dju, é muito importante, porque ela conta uma história e serve para identificar a nossa tribo. A pintura dos Tupi-Guaranis é feita de duas frutas: o Genipapo e o Urucum. O Urucum para pintar o vermelho e o Genipapo para pintar o preto. As pinturas têm vários significados e são usadas nas festividades e nas lutas. Se a gente precisar lutar pela nossa terra, se precisarmos lutar pela saúde, pela educação, usamos uma pintura que é a das lutas. Atualmente nós usamos essas pinturas para reivindicar, cobrar, mas não fazemos mais guerra como antigamente. O Genipapo é transparente, somente depois é que ele fica preto. Por isso usamos carvão junto com o Genipapo para pintar. Como o Genipapo é transparente, se você usa apenas ele, você não vê o desenho na pele. Usamos o carvão porque ele deixa preto na hora. Depois é só tomar banho e retirar o carvão e fica apenas a tinta do Genipapo. Fazemos essas pinturas nos casamentos, batismos, sempre que acontece uma festividade na aldeia e usamos o preto e o vermelho. Para reivindicar usamos apenas o preto. Em um casamento a menina é preparada por todas as mulheres da aldeia. Ela fica quietinha e é enfeitada, toda pintada, para o casamento, de preto e vermelho. Já no batismo a criança é pintada pelo padrinho e madrinha. Antigamente, quando saíamos para a guerra, usávamos o preto porque ele camufla. Para nós, o significado espiritual do preto é que ele bloqueia as energias ruins e o vermelho atrai energia boas.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14

1. Alecrim 2. Manjeriço 3. Bananeira 4. Samambaia 5. Ipê Amarelo
 6. Cosme 7. Copaíba 8. Camomila 9. Bananeira 10. Algodão 11. Abacate
 12. Espada de São Jorge 13. Lança de São Jorge 14. Lírio da Paz



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



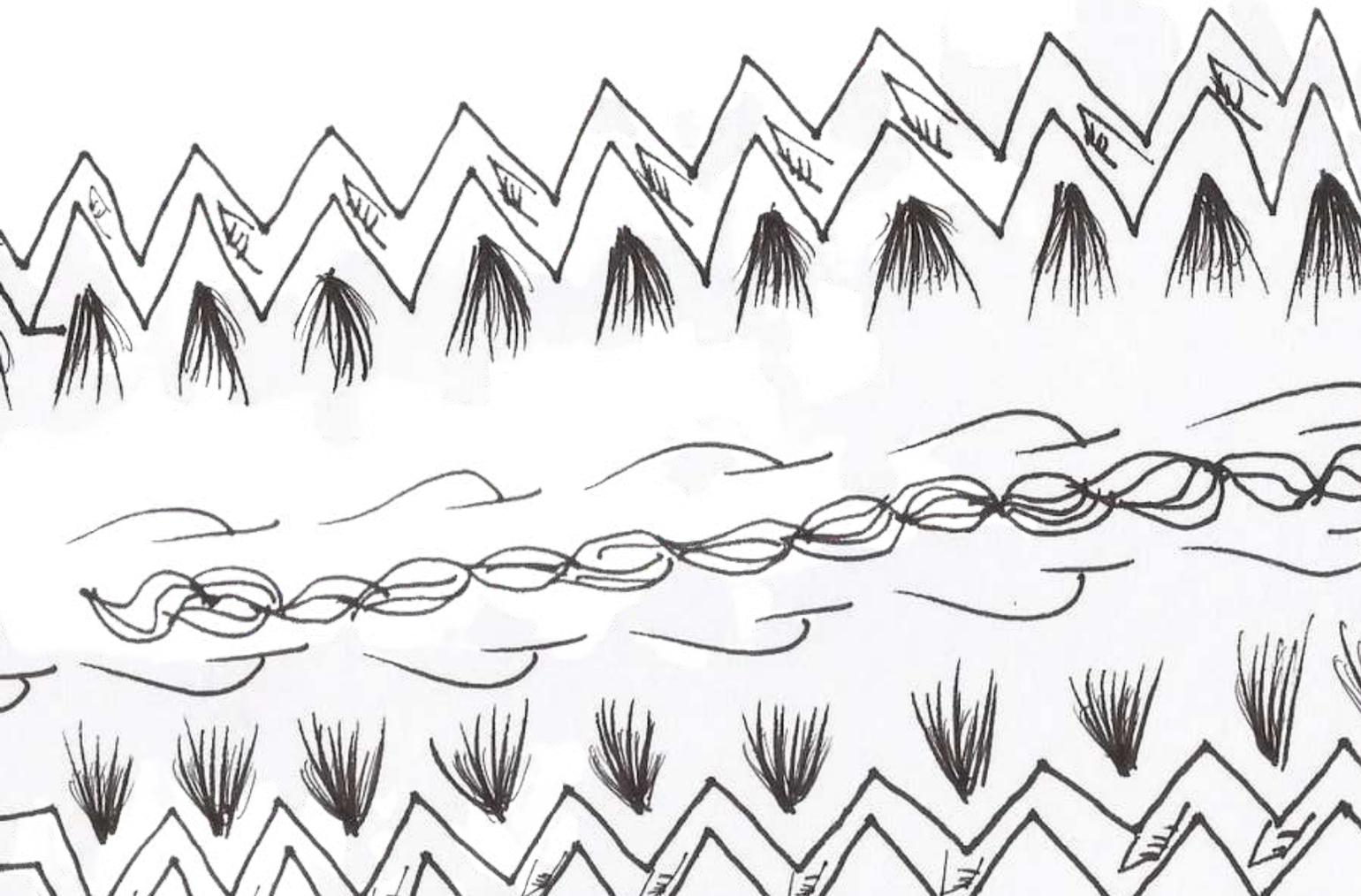
33



34

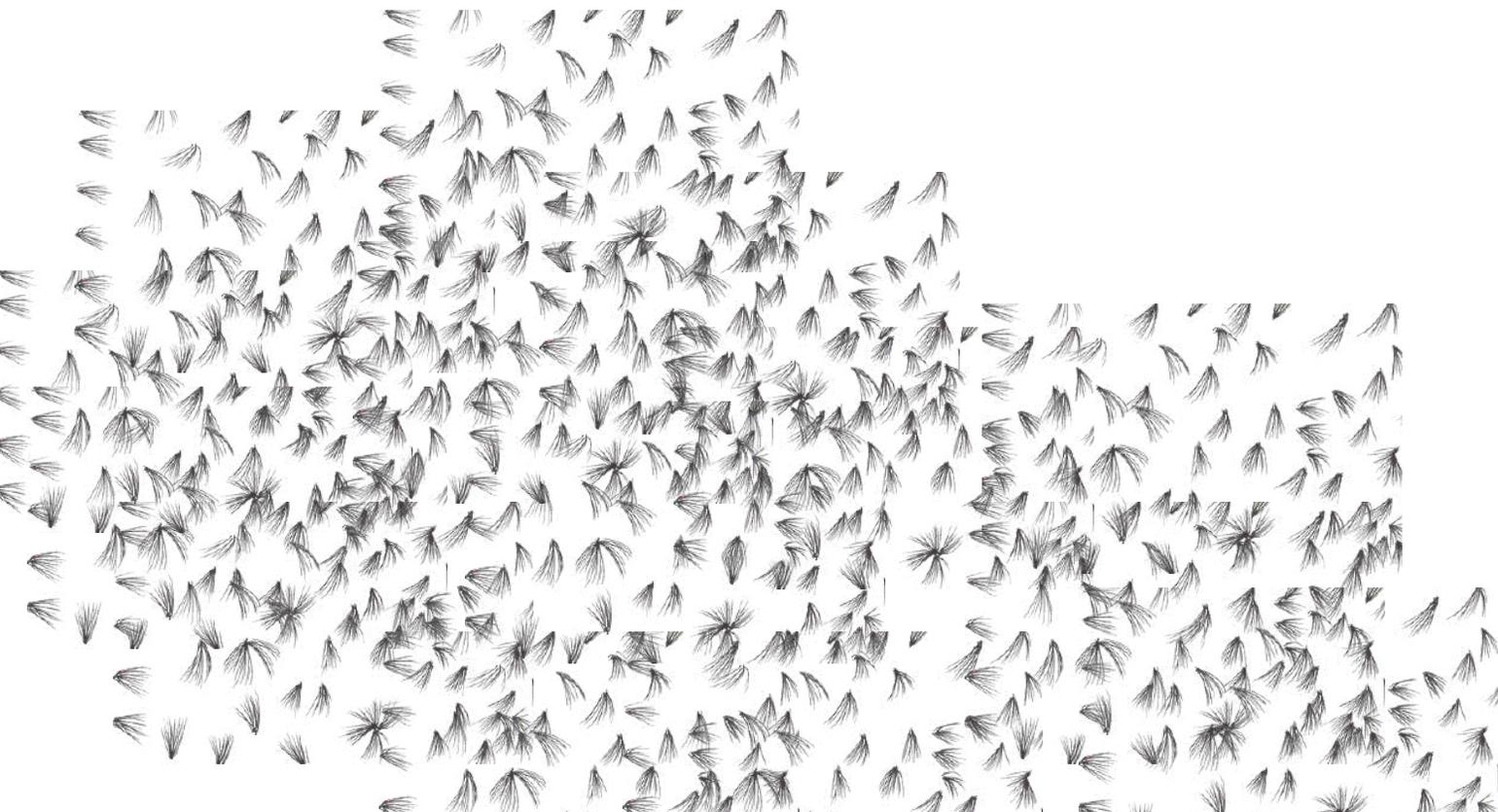
15.Cedro Rosa 16.Angico 17.Arruda 18.Tabaco 19.Jaqueira 20.Cupuaçu
 21.Guiné 22.Calêndula 23.Arnica 24.Pitangueira 25.Palma 26.Orquídea-da-
 praia 27.Ipoema 28.Sempre-viva 29.Erva-do-lagarto 30.Cacto 31.Gengibre
 32.Açafrão 33.Espécie não identificada 34.Limoeiro





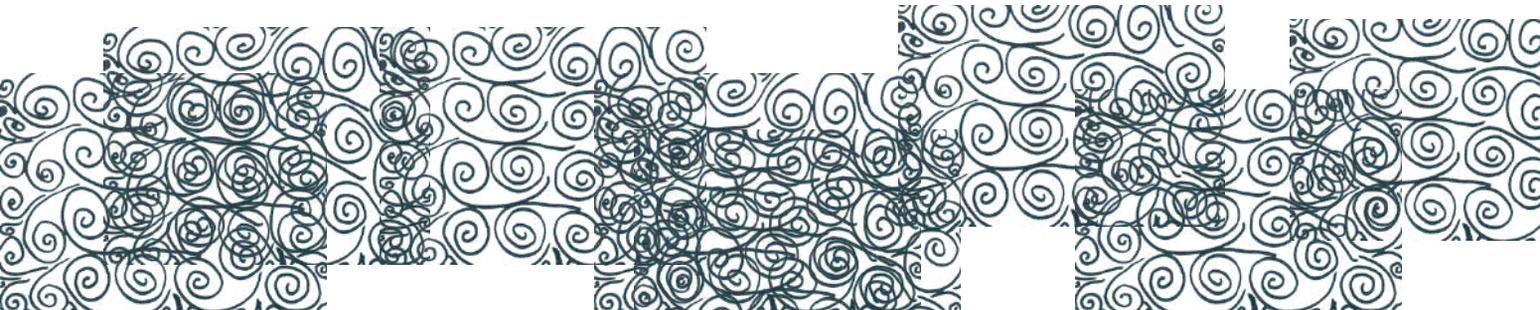
A estrela caiu no meu pé ontem à tarde. Queria ter nome de flor. Morava na restinga, acendia infinitos. Como pode uma planta nascer coroada assim? Nenô pensa cada coisinha - eu sorrio. No alto da duna, a morada da maria-farinha. A areia adentrando a casa. Maria-farinha, maria-farinha. O amarelo-laranja. Essa planta coroada da duna: todo fim de tarde. Estrela hoje nasce em restinga? Esse imenso tem nome. Mar, peito, abismo. O sol percorre minha pele, a areia, a espuma oca. Atrás da ilha tem uma palavra escondida. A estrela sem nome deseja nascer.

Sara Melo



A criança correu durante dias a fio, muitas e muitas léguas pelo céu afora. Uma criança de carne de caju vermelho. Quando subiu o grande cipó, ao fugir de sua mãe por ter comido todo o pirarucu assado, virara estrela cadente. Lá de cima voava com asas de bananeira. Brincava de ser Tupã, enquanto este namorava Pachamama. A criança de carne de caju vermelho era um feixe de luz, fruto dos encontros demorados de Tupã e Pachamama. A criança de carne de caju vermelho atendia pelo nome de Macê. Macê, o menino que comeu um peixe do seu tamanho e se transformou em miração.

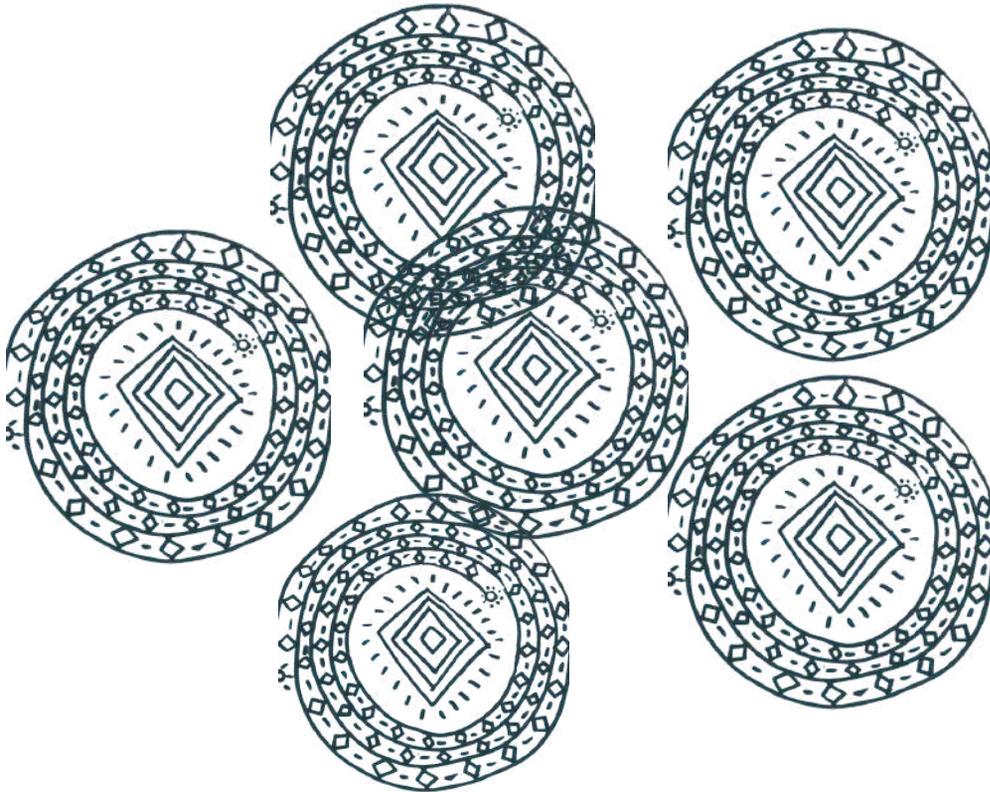
Ana Piu



um monge sentado sob o silêncio e a escuridão das correntes de ar
o macio da flor
a atmosfera da noite
um aroma suave
a coluna sentindo o rugoso tronco
as formigas passeando pelos tecidos das vestes

sementes e estrelas
adormece o passado no solo-céu
atravessando o tempo pela latência do sonho que habita as frestas
as folhas tocam as sementes
as sementes tocam o céu

Tatiana Oliveira



Velha lama

Rio que corre e abraça pedra, galho e troncos, morada de peixes, peixinhos e peixões, segue firme em linha fluxo. Pontos de pingos d'água borbulham em queda livre. Fonte de vida.

Na prainha um recanto de silêncio. Uma fresta, um respiro, morada de sol, aves e répteis. Casa da velha lama. Mulher húmus. Pântano fértil. Seus cabelos raízes estendem-se rio adentro, mata a fora. Ventre-floresta, cabeça-rio. Sua pele lama

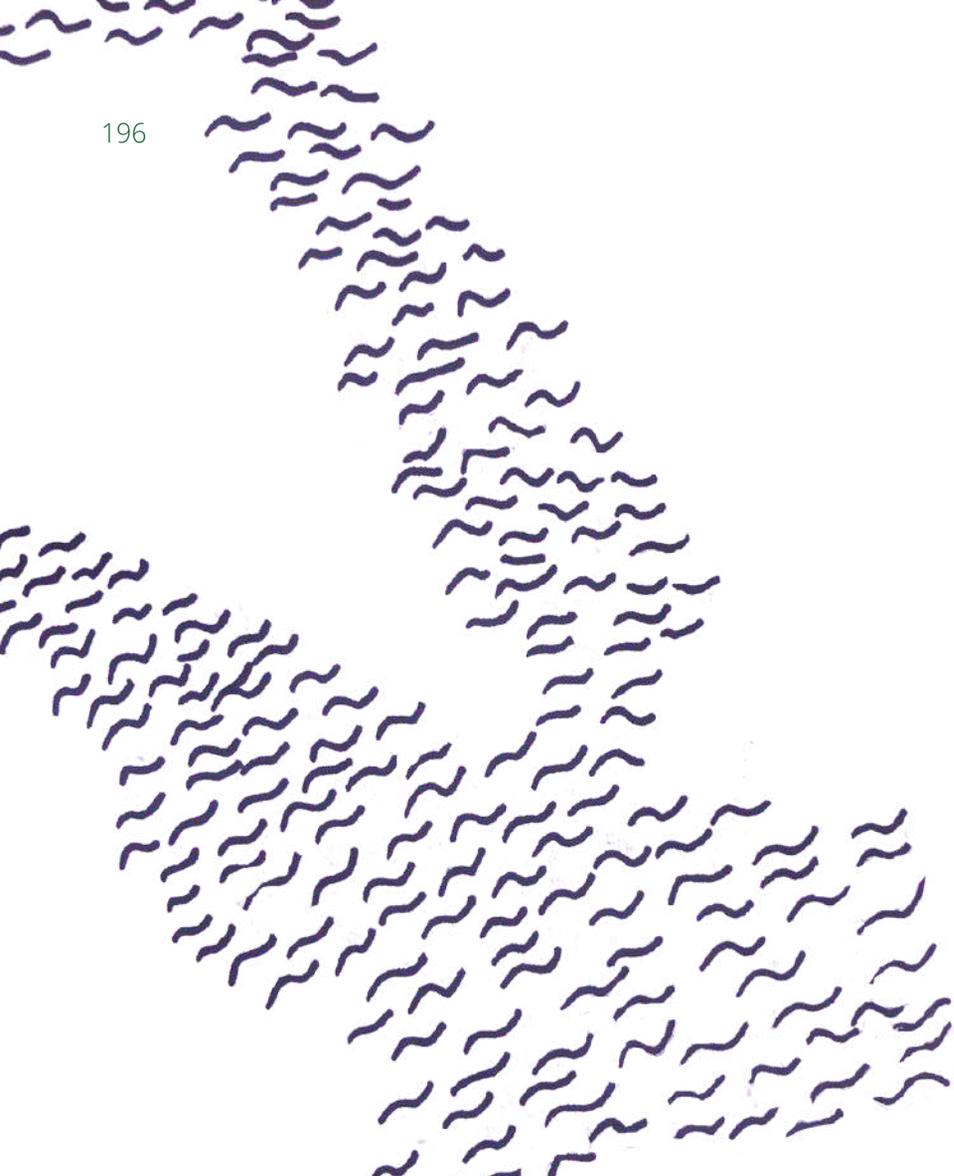
em poro aberto buraco. Casa dos pequenos.

Mulher lama quando sorri, chocalha flores.

Mulher lama quando chora, brota vida.

Mulher lama quando raiva: racha.

Mariana Vilela



1. Sonho de criar raízes

Raízes aqui tem significado de legado, uma ambição de ser eterno.

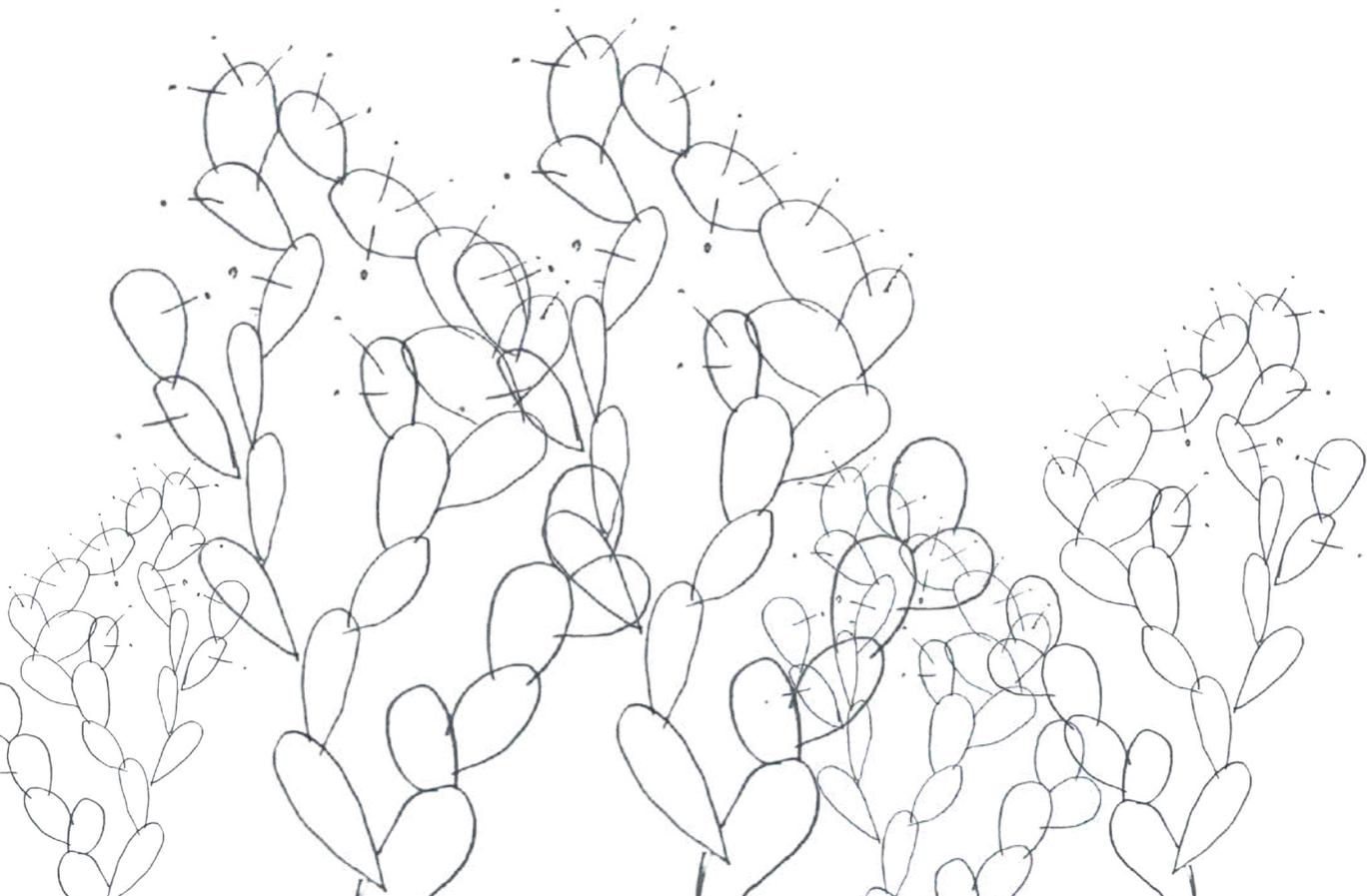
2. Brincadeira de criança

É uma expressão com diversas “aplicações”: pode indicar inocência, imaturidade ou ameniza certos atos de maldade.

3. Sítio arqueológico

Lugares que o tempo guarda para que no futuro, o presente se atualize.

Cristina Suzuki



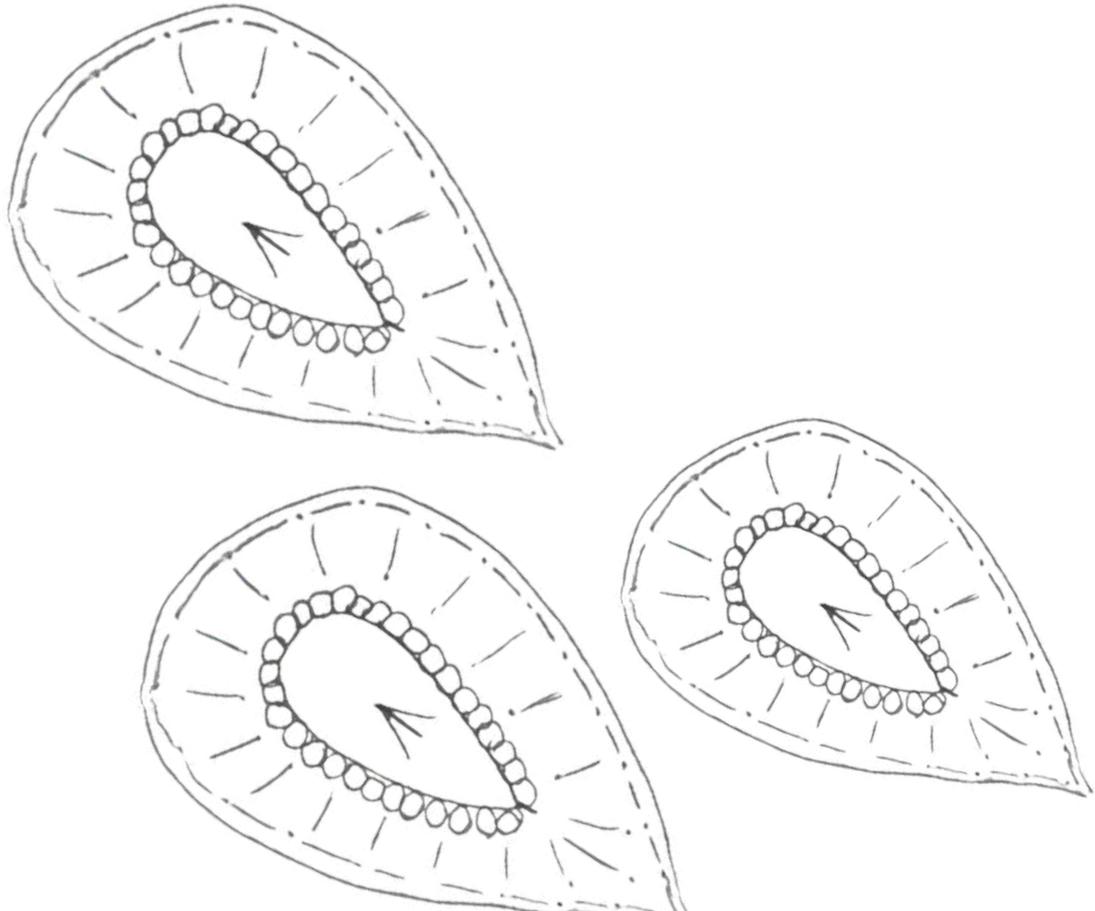
Na floresta da cabana do fim do mundo, onde mora a humilde árvore, crianças de carne de caju-vermelho e outras de corpo feito de mar brincam próximo ao velho cedro-rosa, ao resistente angico e à cheirosa arruda. Um monge-cego, que tudo pode ver, mas nada parece entender, brota na floresta e ao questionar:

- Carne de polpa de fruta ou carne de tecido muscular animal?

O cedro-rosa, pau forte da mata que sombreia tudo, responde de forma seca:

- São crianças! São carne do que quiserem.

- Calma, Cedro. Não consegue ver que ele parece nada entender? Com meu cheiro vou lhe benzê, monge – Interrompe a Arruda,



O monge-cego ainda questiona as crianças de corpo feito de mar:

- Uns menino tão bonito, como podem andar todo sujismundo? Quedê suas roupa? O angico, semidecidual, resistente e que faz telepatia com seu cachimbo, solta uma nuvem de fumaça que cheira a velandinho e diz:

- Crianças de carne de caju vermelho e corpo feito de mar, respondam o monge que nada parece entendê!

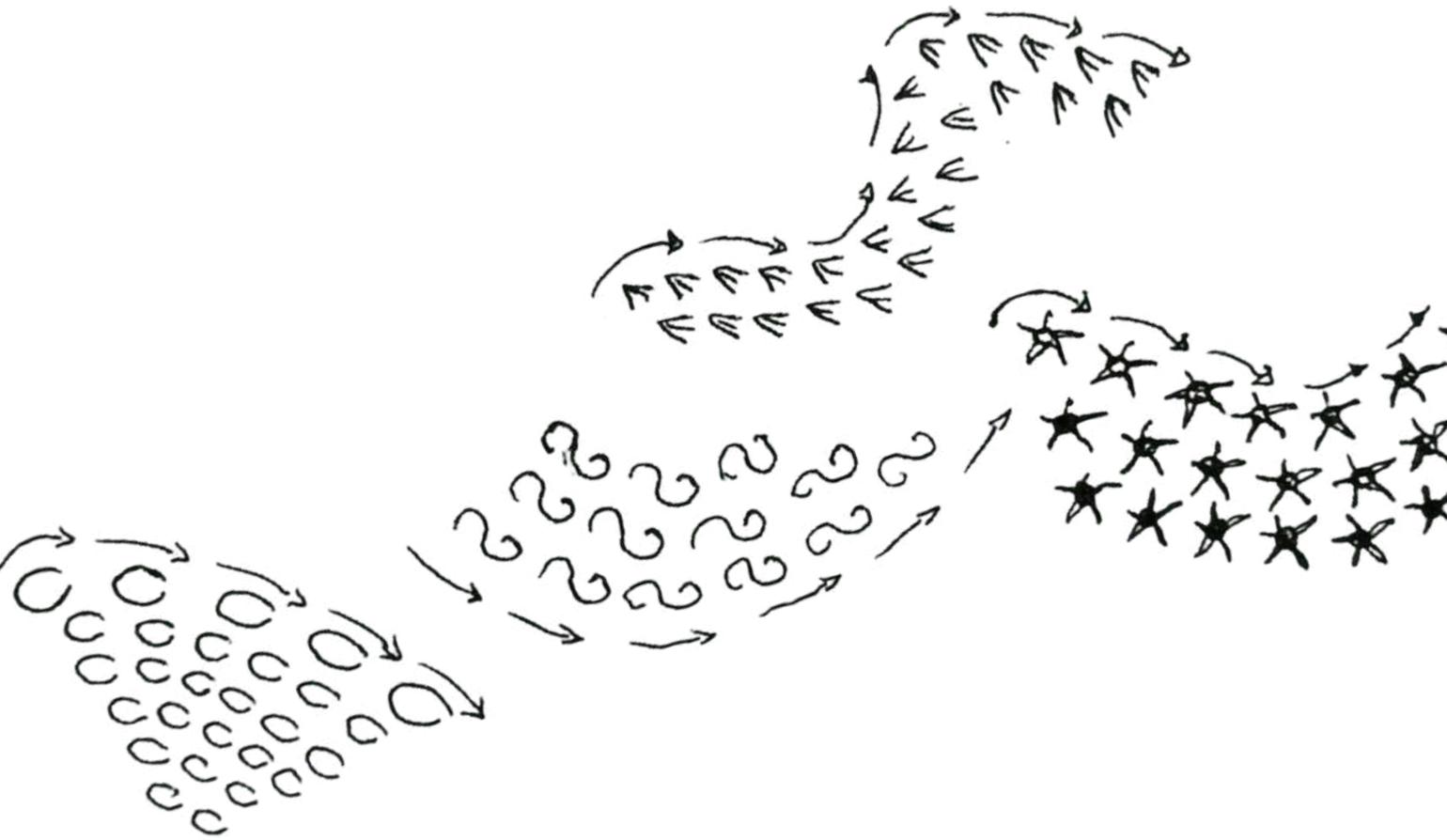
Então as crianças em coro gritam:

- NÃO PRECISO DE ROUPA A FLORESTA ME VESTE!

O monge, ainda sem entender nada, pergunta::

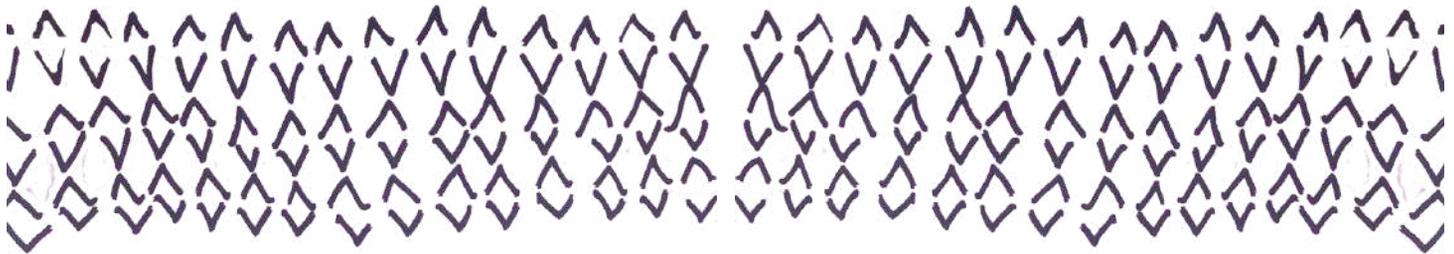
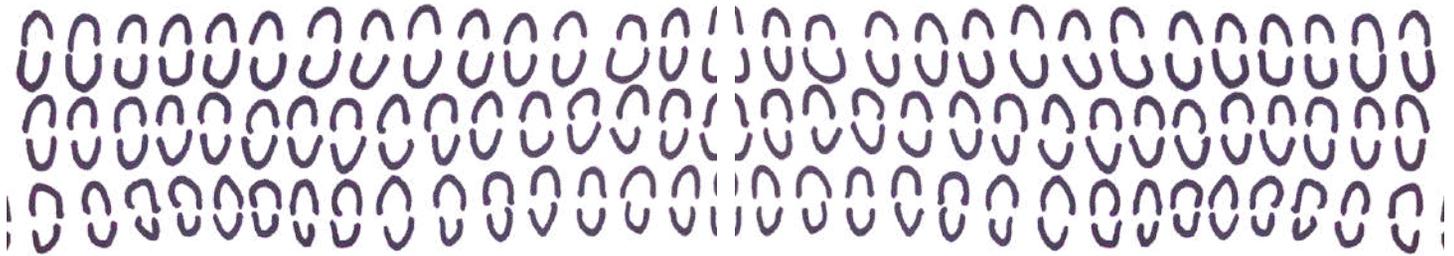
- E precisa gritar?

Victor Iwakami



Lírios do campo secretam afetos.
Meu corpo febril entra em conexão com a floresta.
Me banho de água e guiné
Percebo que sou da mesma fibra que as árvores da minha infância
Exalo pelos poros o perfume das flores da noite
Eles tentam em vão me dar nomes
Transpiro amor
Caminhando juntas, mulheres e plantas,
sonho um corpo rio-mar.
“Seria o deus um sonhar?” (Barbara Glowczewski)

Susana Dias



O chão da floresta é o céu. Às vezes ouvimos na mata umas batidas fortes: é ele, o menino brotando naquela velha lama. Foi nessa mistura viscosa que ele nasceu e seguiu verticalmente o sol. De seus ramos sempre nascem raízes, o menino sabe brotar em toda parte, sabe que há cura para toda dor. Nos dias difíceis ele flore, saboreia o amargo e descabela-se alegremente. Suas flores brancas brilham nas noites escuras, abrem e fecham, fazendo uma dança reluzente. O menino protege com muitos véus seus pequenos grãos, cuida de seus sonhos nascentes. Ele sabe: as sementes são irmãs das estrelas.

Alik Wunder





floresta
menina

Os povos originários, africanos e ameríndios, nos ensinam que floresta é alegria pura. Que floresta é vida em constante movimento de cocriação entre coisas, seres e forças. Floresta é matéria-luz brincando a todo tempo. Com a floresta aprendemos a ludicidade de arvorecer e atingimos uma infância dos corpos, materiais e mundos, entramos em relação com o bicho que somos...





























quem vem lá?



olé!



soy Yo!



vim desbravar



alê hop



vamu lá



uau



eita rolê bom



é lindo aqui



fico aqui para o resto da vida



que cheiro bom



e assim vai a vida



Zeribeu também sou eu



Zeribeu uma criatura como eu































Em português meu nome é Cauani e eu sou uma líder que gosta das brincadeiras. Pratico muitas brincadeiras com as crianças aqui na aldeia Awa Porungawa Dju. Gosto das brincadeiras indígenas porque elas são mais de contato, brincadeiras que a gente brinca até falando com Deus.

Foto e texto | Kunha Djatsy Tátá
Mulher estrela

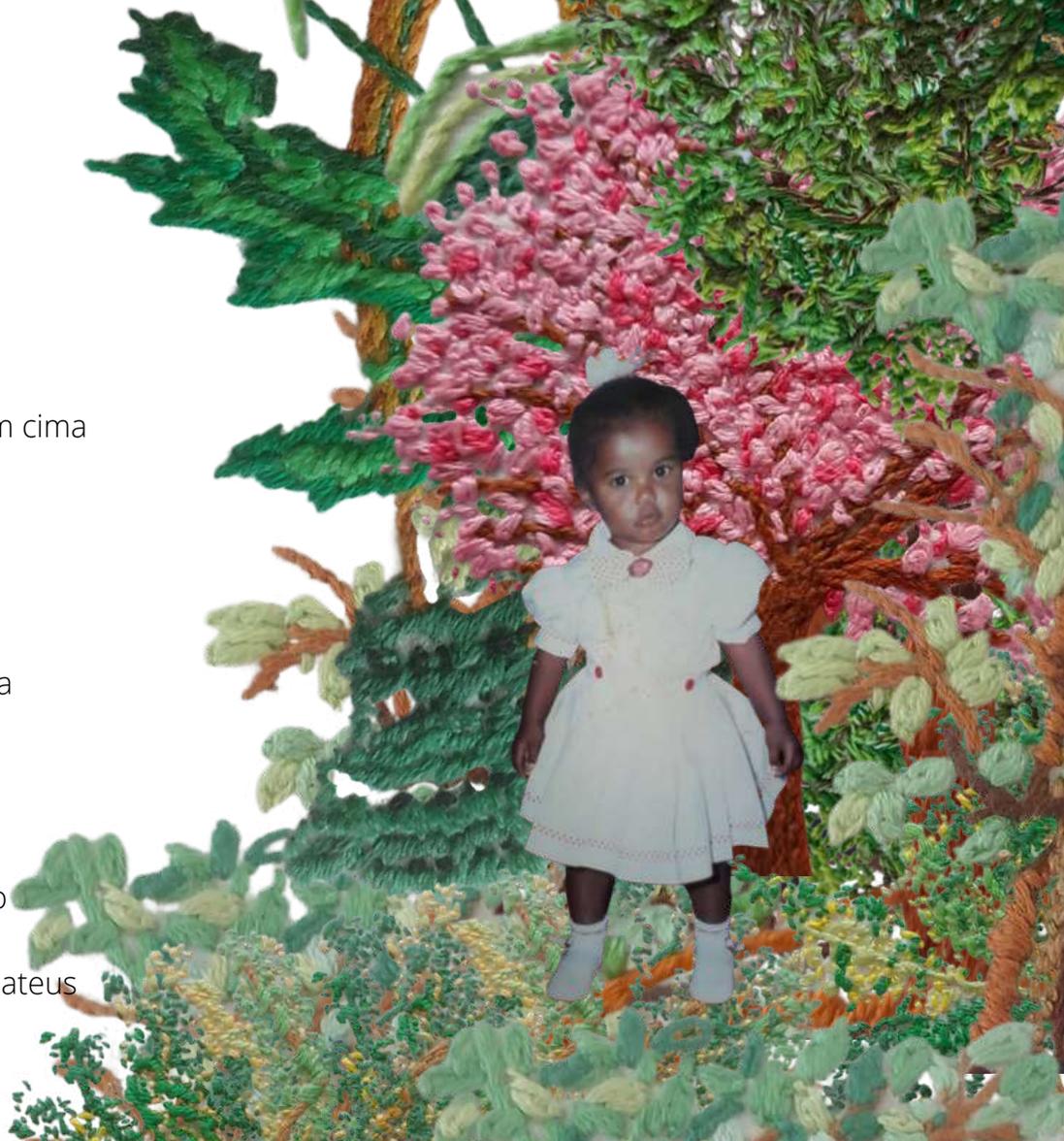


Meu pé de abacate
Tem um galho voador
Quando eu chego lá em cima
Caio e não sinto dor

Abacateiro do quintal
Memórias de criança
Risos, cheiros e cores
Uma ciranda que dança

Abacate do quintal
Amora e matinhos
Memórias da infância
Que me faz um carinho

Foto e texto | Cibele Mateus







Não havia meninas da minha idade. Só meninos. Quando não entrava nas suas brincadeiras eu inventava as minhas.

Uma delas era fazer de conta que o muro do quintal era um imenso piano.

Eu tomava balanço com o dedos e cantava : “ tchanananam!!” Saltava para o teclado e cantava esta música inventada correndo loucamente pelo piano afora:

Lachiona, lachiona, lachiona pata ê.

Lachiona. Lachiona. Lachiona patai á.

Lachiona, lachiona, lachiona pata êêêêêê. Lachiona. Lachiona. Lachiona patai Á!”

Foto e texto | Ana Piu





Um dia na escola a professora ensinou a fazer desenhos usando o compasso.

Ficavam uma espécie de flor geometrizada. Depois disso fiquei muito tempo fazendo desenhos em folhas de sulfite com uma série de combinações e os coloria com lápis de cor. Muitos eu coloquei em uma moldura e pendurava na parede do quarto.

Foto e texto | Cristina Suzuki



Caqui maduro no pé
É doce como mel
A gente se lambuza inteira
Da cabeça até o céu!

Foto e texto | Mariana Vilela







Da janela do meu quarto
vejo cada estação passar
No Inverno a árvore está nua
No Verão amarelas ameixas pra
saborear

Foto | Alik Wunder
Texto | Ana Piu



Mergulhar na infância é como reviver um sonho, período de despreocupação. Disposição, interação e muito movimento parecem atravessar boa parte das brincadeiras de criança. Recordo em particular o pular à corda. No descampado, ao ar livre, em cada extremo uma criança balança a corda, imprimindo um ritmo cadenciado que levanta a terra do chão e convida as outras a entrar num dos sucessivos arcos que se formam. O objetivo individual é pular e pular deixando a corda passar por debaixo dos pés e levar isso à exaustão e no final sair, permitindo que a brincadeira prossiga com a próxima criança.

Foto e texto | Isilda Oliveira

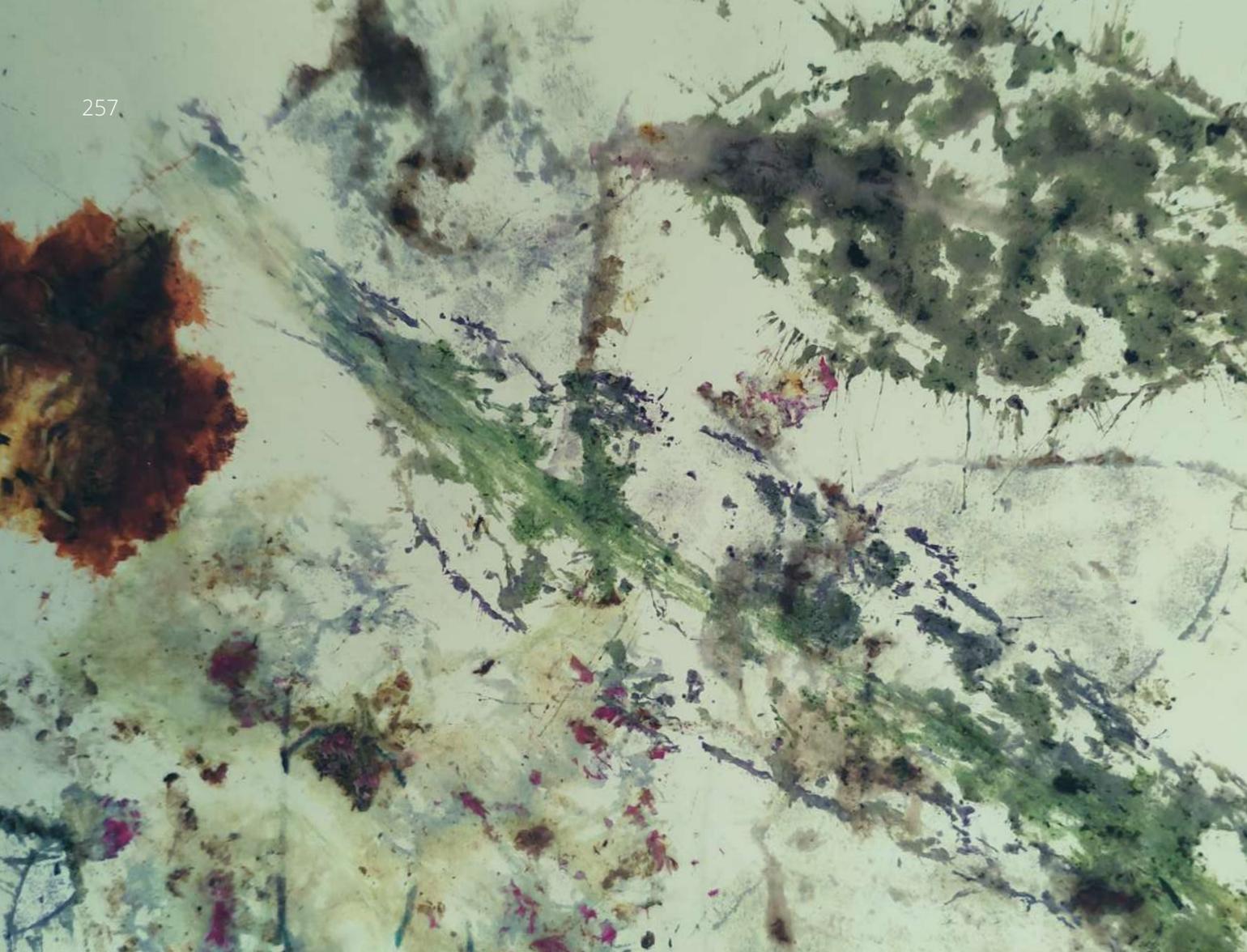






Na lancheira tem fruta
Mal espero pelo intervalo
Talvez Goiaba ou Pêra
Nenhuma vai pro ralo

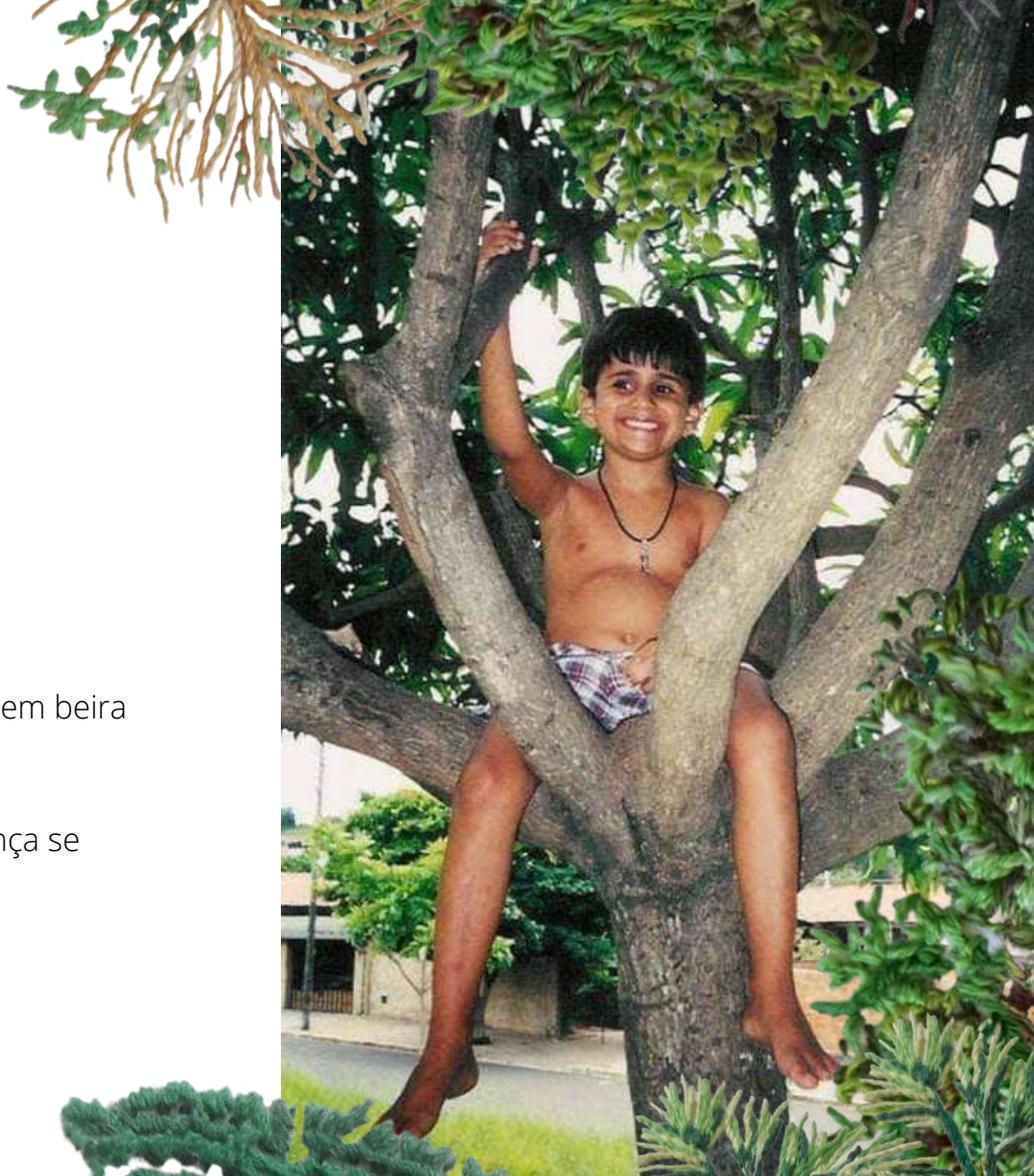
Foto e texto | Victor Iwakami



Era uma figueira sem eira nem beira
Junto ao telhado ela estava
Quando o avô cuidou dela
Com muitos figos a vizinhança se
refastelava

Foto | Caio Costa

Texto | Ana Piu

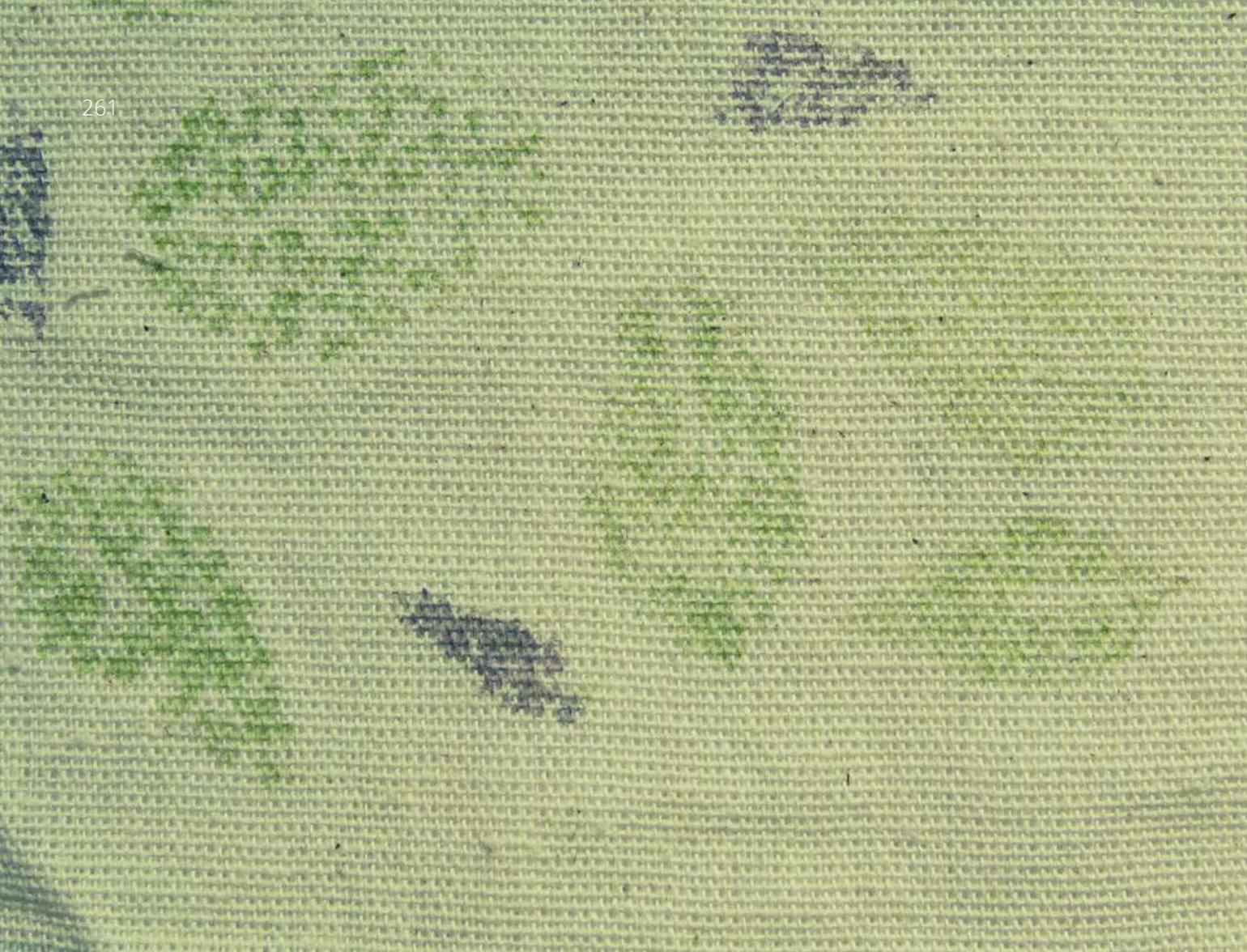






Menina sentou no chão
carambola caiu do pé
Menina pegou na mão
a beleza do que vié

Foto e texto | Tatiana Oliveira



Pique-bandeirinha: um traço de giz no chão da rua e dois territórios inventados: o azul e o vermelho ("meu coração é vermelho, hey hey, de vermelho vive um coração eoô"). Missão: atravessar o território oposto sem ser capturado. A bandeirinha: um chinelo havaiana gasto - é preciso trazer para seu campo em disparada! O risco: ficar congelado em território desconhecido (seu amigo terá que se arriscar para te salvar.) Se concentrar, correr, congelar, ser salvo, correr! Arrastar guardiões da fronteira para seu território. Congelar, descongelar. Gritaria e emoção. Rir até doer a barriga ao ouvir sua torcida comemorando a vitória e provocando o país azul: "pequeninha, pequeninha, essa torcida cabe dentro de um fusquinha!!!"

Foto e texto | Sara de Melo





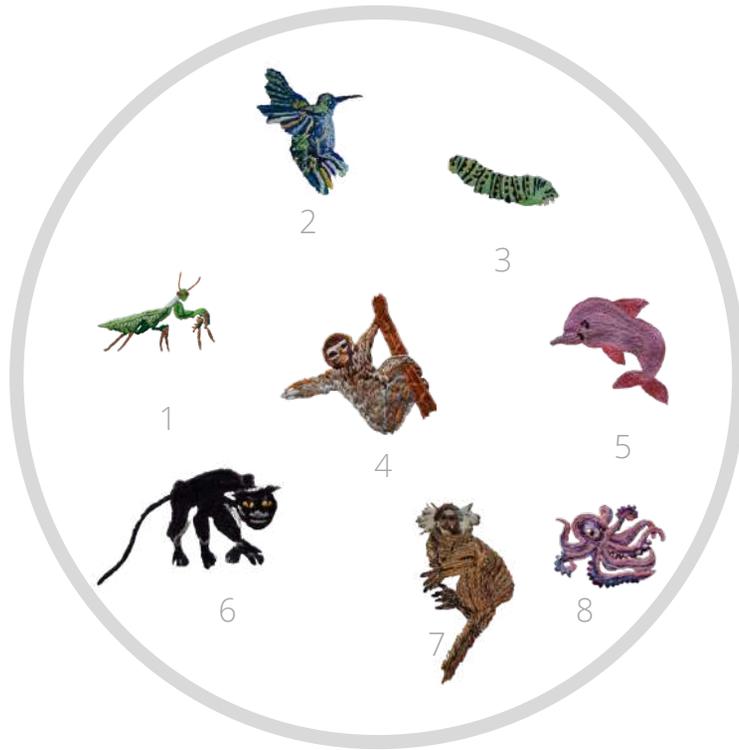


Uma flor de hibisco é delicadamente macerada com um pedaço de madeira e um pouco de água. Uma gosma vermelha é misturada com pedaços de folhas de eucalipto e temperados com terra colhida no canteiro de ervas perfumadas. A panelinha de plástico cor-de-rosa está pronta para ir ao fogão feito de pedras e gravetos. Enquanto monto a pequena cozinha a céu aberto, canto e conto histórias para as meninas de vento e água que me acompanham.

Foto e texto | Susana Dias







265

268















"Experiências de Arvorecer" é um livro-floresta que compartilha diferentes experiências de conexão com a Terra a partir de saberes originários, artísticos e científicos. Para criar este livro nos reunimos em oficinas virtuais durante um dos períodos críticos da pandemia que nos assola. A cada encontro, a floresta nos chamava a dançar, cantar, meditar, bordar, fotografar, brincar, rir, desenhar, pintar, escrever e sonhar. A floresta nos lembrava da potência de viver juntos e de compartilhar nossas práticas e saberes em prol da criação de algo coletivo que afirme a vida. Floresta é chamado que não tem fim. Quando chega, toma tudo de uma alegria que cresce continua e vagarosamente, plena de entusiasmo de existir e de exuberância contagiante. Este livro é parte do movimento de fazer escuta a esse chamado, um chamado que os povos ameríndios e africanos nunca esqueceram de ouvir, e que aqui tivemos o privilégio de entrar em relação com a participação da comunidade tupi-guarani da aldeia Awa Porungawa Dju, e acessando e conectando diferentes ancestralidades de todos os participantes. Com este livro aprendemos que a proteção das florestas depende de nossa amizade com as plantas, animais, com o ar, os rios e a terra, depende de percebermos a floresta que vive em nós e, também, a floresta que podemos nos tornar e que precisamos aprender a fazer e proliferar por diferentes gestos, materiais e modos de existir. Dar expressão sensível a esse movimento, fazer da floresta uma causa comum entre nós, nos fez buscar e acolher palavras, imagens e sons que não apenas querem honrar essas florestas, mas que desejam criar uma língua capaz de guardar e proteger seus mistérios.

Susana Dias



Awa Porungawa Dju significa “O homem da porunga sagrada”, nascido e criado na Aldeia Bananal, que é a Aldeia Mãe, situada na terra indígena do Bananal, próxima à região de Peruíbe e Itanhaém, no estado de São Paulo. Esse guerreiro foi cacique por mais de 30 anos e teve 3 filhos homens. Aos 75 anos, esse guerreiro veio a ter um derrame e faleceu no ano de 2015, aos 80 anos. Após a morte dele, os indígenas, principalmente os familiares, decidiram realizar um sonho em homenagem a ele, que era mostrar a cultura, a tradição de seu povo para o mundo lá fora. Os familiares e os mais próximos decidiram abrir uma aldeia com esse objetivo de mostrar a sua cultura aos turistas, a “Awa Porungawa Dju” que carrega o nome desse guerreiro. Com o tempo, os indígenas perceberam que, ao dividirem a sua tradição com outras pessoas, as crianças e os jovens indígenas eram incentivados a honrar e a mostrar a sua cultura, e que de certa forma, fortaleceu a identidade e a tradição deles. A Aldeia Awa Porungawa Dju desenvolve desde o ano de 2014 o projeto “Vivência na Aldeia” que visa o fortalecimento cultural, a geração de renda para a comunidade e a divulgação da cultura indígena.

Alik Wunder é bióloga e fotógrafa. Atua como professora e pesquisadora na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa educação, filosofia contemporânea, imagem, plantas e povos ameríndios. É pesquisadora da Linha de Pesquisa Arte e Linguagem em Educação e do Grupo de Estudos Audiovisuais - OLHO da Faculdade de Educação, Unicamp e é colaboradora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). Integra a diretoria da Associação de Leitura do Brasil (ALB).

Ana Piu é atriz, palhaça, bonequeira, aventureira da escrita e múltiplos saberes. Formada em artes cênicas e antropologia social, pós graduanda em arteterapia. Vive no Brasil desde 2012 com as suas duas filhas: Nina e Maria Flor. Gosta de animais e seres humanos, assim como de seres vegetais. Reencontrou humildemente o poder das plantas de cura e seus segredos com o povo Huni Kuin e Yawanawa. Reverencia às sabedorias ancestrais dos povos nativos ameríndios como afrodescendentes. No silêncio e na escuta enraíza-se.

Sobre os autores

Caio Ferrari Costa, professor e biólogo nascido em Campinas em 1996. Recém formado atua dando aulas de ciências para o fundamental II na rede estadual. Tem amor por muitas artes, mas reserva um espaço especial para a fotografia da natureza em seu coração.

Cibele Mateus é artista dos riso, atriz, educadora social e pedagoga. Desenvolve seus trabalhos cênicos a partir de motrizes e matrizes de tradições afrodiaspóricas, afroindígenas e na arte de rua, desde 2005. É integrante do Grupo Manjarra (SP) desde 2011, onde inicia sua trajetória como Mateus (figura cômica da "cara preta"). Desde 2014, tem seguido em busca das máscaras de pretume e da arte misteriosa do riso, buscando criar uma poética própria de comicidade negra.

Cristina Suzuki. 1967, São Paulo, SP onde vive e trabalha. Artista visual com participações em diversos salões de arte contemporânea no Brasil e obras em acervos institucionais. Além de seu trabalho autoral, realiza acompanhamento de processos e mediação em programas de desenvolvimento para artistas visuais, curadorias e produção cultural.

Isilda Oliveira, durante toda sua vida trabalhou como contadora, tem paixão pelos números. Atualmente, aposentada, redescobre as artes das linhas, especialmente bordado e crochê, que aprendeu com sua mãe e irmãs. Suas mãos habilidosas dão vida à floresta do projeto Arvorecer de casa em casa.

Lucas Gobatti é engenheiro civil com dupla formação em arquitetura e urbanismo, estudante de Mestrado em Soluções Baseadas na Natureza, fundador da Oficina verdii e fotógrafo de natureza.

Marcus Vinicius de Souza Ferreira é fundador do projeto Vivência na aldeia e atua como gestor do projeto na aldeia Porungawa. Possui grande experiência na área do turismo e atua na região de Itanhaém através da agência de turismo receptivo "Ama Ecoturismo".

Sobre os autores

Mariana Vilela é artista multimídia e ativista. Mestranda em Divulgação científica e cultural pelo Labjor/Unicamp. Atua como performer desde 2010, transita pelas artes visuais, teatro e literatura. Interessa-se pelo que há entre-corpos: relações e seu campo multidirecional. Tem a linha como objeto conceitual e perspectiva de pensar e atuar no mundo.

Sara de Melo é poeta, artista e bióloga. Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina e licenciada em Letras pela Universidade Católica de Brasília. Foi professora na UnB e UFSC. Atualmente cursa doutorado na Unicamp em Educação Arte e Linguagem. É autora do livro *Essa casa feita de palavras* (Voamundo, 2020) que reúne poemas e monotipias botânicas feitas a partir de plantas colhidas em percursos cotidianos. Tem desenvolvido trabalhos com livros de artista e participado de coletivos artísticos e residências literárias.

Susana Oliveira Dias, bióloga e artista visual, pesquisadora e professora no Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, do Labjor-Unicamp. Coordena o grupo de pesquisa multiTÃO que trabalha nas interfaces entre artes, ciências e filosofias na pesquisa e criação de materiais sensíveis voltados à comunicação e educação. Tem interesse nos estudos e experimentações que propõem alianças efetivas entre humanos e árvores, rios, mares, animais, florestas... e que buscam pensar o que pode estar-viver-junto em interações complexas e multidimensionais. É editora-chefe da Revista *ClimaCom*.

Tatiana Plens Oliveira é fotógrafa, doutoranda em educação pela Unicamp e aprendiz das práticas contemplativas e agroflorestais. Experimenta, na vida que entrelaça sua pesquisa e seus tantos outros fazeres, a composição de outros modos de existência afetados pela sabedoria do silêncio, dos elementos e dos seres vegetais.

Victor da Silva Iwakami, nascido em São Paulo, crescido em Taboão da Serra, amadurecendo em Campinas, é biólogo, aspirante à cartógrafo-quadrinista, mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Afetado pelos saberes e perspectivas do povo indígena Kariri-Xocó busca dialogar com aves, plantas, cogumelos, vírus e animais.

Imagens

279



p. 12, 14, 16, 18 e 20 Fotografias de Marcus Ferreira, bordados de Isilda Oliveira e colagens digitais de Susana Dias



p. 23 e 24 Fotografias de Marcus Ferreira



p. 31 Fotografia de Alan Sousa, bordados de Isilda Dias e colagem digital de Susana Oliveira



p. 37 Fotografia e bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



p. 43 Fotografia de Amanda Dumont, bordados de Isilda Oliveira e colagens digitais de Susana Dias



p. 55 Fotoperformance de Mariana Vilela, fotografias de Leo Andrade, bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



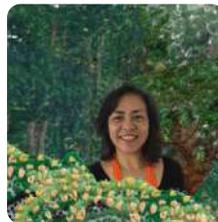
p. 61 Fotografia de Isabela Umbuzeiro, bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



p. 67 Fotografia de Tatiana Oliveira, bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



p. 75 Fotografia de Tatiana Oliveira, bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



p. 79 Bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



p. 85 e 86 Bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



p. 91, 92, 95 e 96 Fotoperformance de Mariana Vilela e fotografias de Leo Andrade

Imagens

280



p. 93, 94 e 98
Fotografias de
Sara de Melo



p. 95 e 96
Fotoperformance
de Mariana Vilela
e fotografias de
Leo Andrade



p. 97
Fotoperformance
de Alik Wunder



p. 100 e 102
Fotoperformance
de Mariana Vilela
e fotografias de
Leo Andrade



p. 105, 106, 107 e
108
Fotoperformance
de Ana Piu,
fotografias de
Amanda Dumont



p. 109 e 110
Fotoperformance
de Tatiana
Oliveira



p. 111, 112, 113 e
114
Fotoperformance
de Cibele Mateus



p. 115 e 116
Fotografias de
Cibele Mateus e
montagem
Susana Dias



p. 117 e 118
Fotoperformance
de Susana Dias e
fotos de Marina
Piolli



p. 125 Fotos de
Marcus Ferreira
do pajé Guaira da
aldeia Awa
Porungawa Dju.



p. 130 Colagem
de Alik Wunder



p. 135 Colagem
de Mariana Vilela

Imagens



p. 139 Escultura e colagem de Ana Piu



p. 143 Colagem de Tatiana Oliveira



p. 145 Escultura e colagem de Ana Piu



p. 150 Colagem de Cibele Mateus



p. 155 Colagem de Mariana Vilela



p. 159, 163 e 161 Fotoperformance de Cristina Suzuki



p. 165 Colagem de Mariana Vilela



p. 173 e 174 Bordados de Isilda Oliveira e colagem digital de Susana Dias



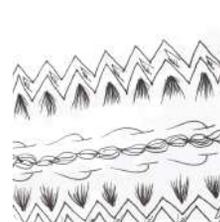
p. 175, 176, 177, 178 e 179 Fotografias de Marcus Ferreira da comunidade da aldeia Awa Porungawa Dju



p. 181 e 182 Desenhos de Cibele, Caio, Mariana, Sara, Susana e Victor. Colagem de Susana Dias.



p. 184 Desenho de Cristina Suzuki



p. 185 Desenho de Victor Iwakami



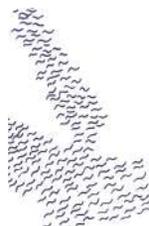
p. 187 Desenho
de Victor Iwakami
e colagem digital
Susana Dias



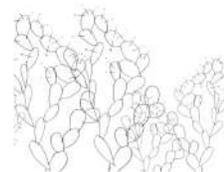
p. 189 Desenho
de Cibele Mateus
e colagem digital
Susana Dias



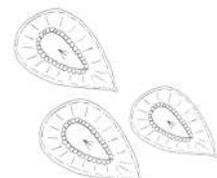
p. 191 Desenho
de Cibele Mateus
e colagem digital
Susana Dias



p. 193 Desenho
de Mariana Vilela



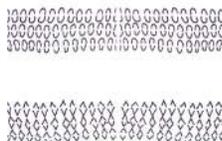
p. 195 Desenho
de Sara de Melo e
colagem digital
Susana Dias



p. 197 Desenho
de Sara de Melo e
colagem digital
Susana Dias



p. 199 Desenho
de de Susana
Dias



p. 201 Desenho
de Mariana Vilela
e Colagem digital
de Susana Dias



p. 209 e 210
Boneco e cenas
de Cibele Mateus



p. 212, 213 e 214
Boneco e cenas
de Cristina Suzuki



p. 215, 216 e 217
Bonecos e cenas
Ana Piu



p. 220, 221, 222,
223 e 224
Bonecos e cenas
de Ana Piu



p. 226, 227 e 228
Boneco e cenas
de Mariana Vilela



p. 230 e 229
Boneco e cenas
de Tatiana
Oliveira



p. 231 e 232
Boneco e cenas
de Susana Dias



p. 234, 235 e 236
Boneco e cenas
de Susana Dias



p. 237 e 238
Bonecos
confeccionados
por Dhevan
Kawin para
projeto do
"Pequeno Teatro
do Mundo"



p. 247, 249, 251,
253, 255, 257,
259 e 261
Bordados de
Isilda Oliveira e
colagens digitais
de Susana Dias



p. 240, 244, 246 e
262 - Impressão
botânica de Ana
Piu



p. 242 e 256 -
Impressão
botânica de
Cibele Mateus



p. 248, 250 e 252
- Impressão
botânica de
Mariana Vilela



p. 254 -
Impressão
botânica Victor
Iwakami



p. 258 -
Impressão
botânica de
Tatiana Oliveira



p. 260 -
Impressão
botânica de Sara
de Melo



p. 263 e 264
Bordados de
Isilda Oliveira e
colagem digital
Susana Dias



p. 265
Fotomicrografia
da cochonilha de
Lucas Gobatti



p. 266
Fotomicrografia
da mariposa de
Lucas Gobatti



p. 267
Fotomicrografia
de vespa de
Lucas Gobatti



p. 268
Fotomicrografia
de bicho não
identificado de
Lucas Gobatti



p. 269
Fotomicrografia
da mariposa de
Lucas Gobatti



p. 269
Fotomicrografia
da centopéia de
Lucas Gobatti



p. 270 Bordados
de Isilda Oliveira e
colagem digital
Susana Dias

Elaboração da ficha catalográfica

Gíldenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Arte da capa

Cristina Suzuki

Bordados

Isilda Oliveira

Tiragem

E-book (PDF)

Diagramação e acabamento

Susana Dias, Cristina Suzuki

Revisão

Isilda Oliveira, Sara Melo e Tatiana Oliveira

Revisão botânica

Anderson Santos de Mello

Registro do ISBN

Biblioteca Central – UNICAMP

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UNICAMP

Ex71 Experiências de arvorecer [recurso eletrônico] / Susana Dias, Mariana Vilela. – Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2021.
1 recurso online (290 p.): il.

Vários autores.

Publicação digital (e-book) no formato PDF. [9,3 MB].
ISBN: 978-65-88816-13-4

1. Arte. 2. Florestas. 3. Natureza (Estética). 4. Estudos multiespécies. 5. Índios. I. Dias, Susana Oliveira (org.). II. Vilela, Mariana (org.). III. Título.

21-013

CDD – 709.9434

Bibliotecário: Gíldenir Carolino Santos – CRB-89/5447

Publicação digital – Brasil
1ª edição – abril – 2021
ISBN: 978-65-88816-13-4



Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Projeto



Realização



Prefeitura Municipal de Campinas
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Esta ação foi realizada com recursos da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020 – Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc.